

Instituto Universitário da Maia
Departamento de Ciências Empresariais

**Bem-estar Subjetivo de Crianças em Acolhimento
Residencial e a sua Relação com a
Sustentabilidade Societal**

Nome: Vânia Catarina da Silva Soares

Dissertação de Mestrado em Gestão de Empresas

Orientador:
Prof. Doutor João Manuel Silva Carvalho

Julho, 2018

Vânia Catarina da Silva Soares
24078

**Bem-estar Subjetivo de Crianças em Acolhimento
Residencial e a sua Relação com a
Sustentabilidade Societal**

Dissertação de Mestrado em Gestão de Empresas

Trabalho realizado sob a orientação do
Prof. Doutor João Manuel Silva Carvalho
Instituto Universitário da Maia

Julho, 2018

Dedicatória: Aos meus pais! Por todo o esforço e incentivo para a construção da minha vida académica. São eles a inspiração da minha vida.

“Não existe revelação mais nítida da alma de uma sociedade do que a forma como esta trata as suas crianças.”

Nélson Mandela

Agradecimentos:

Ao doutor João Carvalho, pela orientação e ajuda nesta dissertação, mas sobretudo pela confiança e oportunidade que depositou em mim durante todo este percurso.

A todos os responsáveis pelos lares de infância e juventude e centros de acolhimento temporário por colaborarem comigo na recolha de dados e a todas as crianças que participaram neste estudo, por me deixarem entrar no “seu Mundo”.

Ao João e à Filipa por toda a força e incentivo, que mesmo quando tudo parecia estar a correr mal, me ajudaram a erguer.

À minha amiga Rita, que me apoiou muito e me deu muita força, mesmo à distância.

À minha família por toda a paciência e carinho.

A todos, o meu sincero OBRIGADO.

Apoio financeiro:

Apoio Financeiro concedido pelo Centro de Investigação e Inovação em Educação (InED) da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, no âmbito do projeto de investigação intitulado de “O bem-estar subjetivo das crianças em acolhimento”.

Bem-estar Subjetivo de Crianças em Acolhimento Residencial e a sua Relação com a Sustentabilidade Societal

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em acolhimento residencial, relacionando-o com o tema da sustentabilidade societal. Para o efeito foi utilizada uma amostra de 145 crianças na faixa etária entre os 11-15 anos dos distritos de Braga, Porto, Viana do Castelo e Vila Real. Foi aplicado o International Survey of Children's Well-Being (ISCWeb), o qual inclui seis instrumentos de medida do bem-estar das crianças. A análise do bem-estar subjetivo foi realizada tendo em conta as seguintes variáveis de controlo: sexo, idade, tempo de acolhimento e número de acolhimentos antes do atual.

Podemos concluir que existem diferenças estatisticamente significativas em relação ao sexo, sendo que os meninos apresentam um bem-estar subjetivo mais elevado. As crianças em atendimento residencial apresentam, no geral, uma perceção positiva do seu bem-estar. O crescimento numa família saudável é um direito para todas as crianças mas, quando isso não é possível, são as residências que assumem um papel importante na sua proteção e desenvolvimento, contribuindo assim para a sustentabilidade societal.

Palavras chave: sustentabilidade societal, bem-estar subjetivo de crianças; acolhimento residencial.

Subjective Well-being of Children in Residential Care and its Relationship with Societal Sustainability

ABSTRACT

The present study pretends to analyze children and adolescent well-being in residential care, associating it with societal sustainability theme. At this purpose a sample of 145 children had been used, aged between 11 and 15 years old, living in Braga, Porto, Viana do Castelo, and Vila Real district cities. International Survey of Children's Well-Being (ISCWeb), which includes six measures tools to define and measure children well-being, was applied on this work. Subjective well-being analysis was performed taking into consideration the following control variables: sex gender, age, placement time, and number of placements prior to the current.

We can conclude that there are significant statistically differences related with sex gender, with boys having a higher subjective well-being. In general, children at residential care are able to present a positive perception of their well-being.

Growth in a healthy family is a right for all children, however when this is not possible, it is residential homes who assume an important role in children's protection and development, thus contributing to societal sustainability.

Keywords: societal sustainability, subjective well-being of children, residential care.

Índice

Conteúdo

INTRODUÇÃO.....	1
REVISÃO DA LITERATURA	4
1. Sustentabilidade societal.....	4
2. Acolhimento residencial.....	6
2.1. <i>Enquadramento Legal</i>	6
2.2. <i>O papel do Estado</i>	6
2.3. <i>Medidas de Promoção e Proteção</i>	7
2.4. <i>Acolhimento Residencial</i>	9
2.5. <i>Acolhimento Residencial em Portugal</i>	10
2.6. <i>Vantagens e desvantagens do acolhimento residencial</i>	16
3. Bem-estar subjetivo	17
3.1. <i>Bem-estar subjetivo em geral</i>	17
3.2. <i>Bem-estar subjetivo das crianças</i>	19
METODOLOGIA.....	24
4. Objetivos e Questões de Investigação.....	24
5. Método	25
5.1. <i>Participantes</i>	25
5.2. <i>Questionário</i>	26
5.3. <i>Instrumentos de medida</i>	28
5.4. <i>Procedimentos</i>	31
5.5. <i>Questões éticas</i>	31
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	32
CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS	50
ANEXOS	55

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Descrição da amostra.....	25
Tabela 2 – Componentes da escala SLSS.....	28
Tabela 3 – Componentes da Escala PWI-SC9	28
Tabela 4 – Componentes da escala GDSI	30
Tabela 5 – Componentes da escala BMSLSS	29
Tabela 6 – Componentes da escala Russell’s Core Affect	31
Tabela 7 – Tempo de acolhimento, número de mudanças e número de fugas.....	37
Tabela 8 – Nível de satisfação com o acolhimento residencial	37
Tabela 9 – Satisfação com casa de acolhimento	38
Tabela 10 – Médias e desvios-padrão do SLSS	39
Tabela 11 – Médias e desvios-padrão do PWI-SC9.....	39
Tabela 12 – Média e desvio-padrão do OLS.....	39
Tabela 13 – Médias e desvios-padrão GDSI	41
Tabela 14 – Médias e desvios-padrão do BMSLSS.....	40
Tabela 15 – Médias e desvios-padrão do Russell’s core affect.....	42
Tabela 16 – Escolaridade	43
Tabela 17– Aspetos que gostavam de ser valorizados em adultos.....	44
Tabela 18 – Correlação de Pearson entre escalas	44
Tabela 19 – Correlação de Pearson entre escalas e categorias	45

Índice de Figuras e Gráficos

Figura 1 – Modelo de Sustentabilidade Societal	5
Figura 2 – Componentes do Bem-estar subjetivo	18
Figura 3 – Comparação internacional.....	33
Gráfico 1 – Situações de perigo que originam o acolhimento.....	11
Gráfico 2 – Situações de negligência	11
Gráfico 3 – Situações de mau trato psicológico	12
Gráfico 4 – Outras situações	13
Gráfico 5 – Número de crianças acolhidas por local de acolhimento	13
Gráfico 6 – Distribuição geográfica das crianças acolhidas	14
Gráfico 7 – Distribuição das crianças e Jovens em Perigo por sexo e faixa etária	14
Gráfico 8 – Evolução do nº de crianças em acolhimento residencial.....	15
Gráfico 9 – Duração do acolhimento.....	15

Lista de abreviaturas, siglas e símbolos

BMSLSS – Brief Multidimensional Students’ Life Satisfaction Scale

CAT – Centro de Acolhimento Temporário

CASA – Caracterização Anual da Situação de Acolhimento

LIJ – Lar de Infância e Juventude

LPCJ – Lei de Proteção de crianças e Jovens em Perigo

GDSI – General Domain Satisfaction Index

INE – Instituto Nacional de Estatística

ISS – Instituto da Segurança Social

OLS – Overall Life Satisfaction Scale

PWI-SC – Personal Well-Being Index- School Children

SLSS – Student Life Satisfaction Scale

INTRODUÇÃO

Com este estudo, pretende-se analisar o bem-estar subjetivo de crianças em acolhimento residencial no contexto da sustentabilidade societal. Este novo conceito é o resultado das contribuições dos aspetos complementares da sustentabilidade relacionados com as áreas económica, social, ecológica e psicológica. Todos estes aspetos são desenvolvidos por Carvalho (2018), num modelo de sustentabilidade que leva em conta a viabilidade económica, a vigilância ambiental, a equidade social e o equilíbrio psicológico.

A institucionalização de crianças e jovens é um tema de grande importância social, sendo esta da responsabilidade do Estado.

O Relatório da Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens (CASA, 2016), publicado em Maio de 2017 pelo Instituto Social (ISS) revela números preocupantes. Em 2016, verificaram-se 18.895 situações de perigo, que originaram a abertura de processos de promoção e proteção, devido a negligência por parte dos progenitores, maus tratos psicológicos, físicos e sexuais. Destas situações, 8 175 crianças encontravam-se em acolhimento, sendo que o tipo de resposta social predominante era o acolhimento residencial (que incluem Lares de Infância e Juventude e os Centros de Acolhimento Temporário), que representam 87,4% desta população em análise. Mais preocupante ainda é que a resposta social de acolhimento familiar representa apenas 3,2% do universo de acolhimento, o que mostra uma disparidade total em relação a outros países, como é o caso de Espanha, onde as famílias de acolhimento representam mais de 50% das situações de acolhimento. É necessário sem dúvida, uma maior adesão a esta resposta social, através de uma maior divulgação e investimento por parte do Estado, uma vez que se deve dar prioridade ao superior interesse da criança, sendo o ambiente familiar um pilar fundamental no desenvolvimento e bem-estar da mesma.

Sendo o acolhimento residencial a resposta com maior destaque no contexto português, o que contraria a intenção do legislador, torna-se importante estudar este contexto, uma vez que quando a criança é separada da família, são as residências que

desempenham um papel importante no bem-estar e no estado psicológico destas crianças.

Com o reconhecimento dos direitos das Crianças em 1989, e considerando a infância como uma etapa de vida com as suas próprias características sociológicas, assim como reconhecimento de que estes devem ser agentes sociais ativos, há uma mudança de paradigma, e as suas opiniões e considerações devem ser tidas em conta.

Dadas as circunstâncias e os dados já apresentados, justifica-se o propósito desta tese, que se prende não só na avaliação do Bem-Estar Subjetivo (BES) da criança em acolhimento residencial, como na preocupação na qualidade destas instituições no desenvolvimento humano da criança, e na possível compensação dos danos sofridos por estas crianças. Ao estudarmos os aspetos positivos da infância no presente, é tanto valioso no presente como no futuro, e as medidas subjetivas da realidade social podem ser úteis tal como as medidas objetivas no momento de tomar decisões e impulsionar políticas sociais.

No âmbito destas temáticas, surgiu a questão de partida para esta dissertação, a qual tem a ver com o enquadramento do acolhimento residencial no âmbito da sustentabilidade social e psicológica, as quais foram integradas no conceito mais amplo de sustentabilidade societal (Carvalho, 2018).

Assim, os objetivos desta dissertação são:

1. Apresentar, teoricamente, o âmbito conceptual da sustentabilidade societal.
2. Caracterizar a resposta social de acolhimento residencial em Portugal.
3. Avaliar o nível de bem-estar subjetivo de crianças em acolhimento familiar no norte do país.

Estes objetivos consubstanciam as seguintes questões de investigação:

1. Que conceitos estão na base teórica da sustentabilidade societal?
2. Como se caracteriza o acolhimento residencial em Portugal?
3. Que vantagens e desvantagens pode a resposta social de acolhimento residencial apresentar como contributo para a sustentabilidade societal?
4. Qual o nível de bem-estar subjetivo de crianças em acolhimento residencial no norte de Portugal?

5. Qual o impacto relativo das dimensões do bem-estar subjetivo no bem-estar das crianças?

A presente dissertação, após esta introdução, apresenta a revisão da literatura, a metodologia seguida, a apresentação e discussão de resultados, terminando com as conclusões, as referências bibliográficas e anexos.

REVISÃO DA LITERATURA

1. Sustentabilidade societal

Vários são os autores que tentam definir o termo “sustentabilidade” ou “desenvolvimento sustentável”. Labuschagne e Brent (2005) dão conta na sua investigação de mais de uma centena de definições já existentes, mas a maior parte delas diz que o conceito visa a satisfação dos objetivos sociais, ambientais e económicos. Estes autores defendem estes três objetivos como sendo os pilares da sustentabilidade. Isto significa que se deve procurar a sustentabilidade ambiental caracterizada como a preservação do capital natural, a sustentabilidade social (preservação da coesão social em termos de bem-estar, nutrição, abrigo, saúde, educação, qualidade de vida, etc), e a sustentabilidade económica que busca a satisfação de necessidades humanas com recursos disponíveis para a sustentabilidade financeira da organização (Carvalho, 2018). Este autor afirma que todos os conceitos estão relacionados, e que o desenvolvimento sustentável deve integrar a sustentabilidade social, económica e ambiental. No entanto, foram surgindo novos dados acerca da sustentabilidade, assim como a inclusão de outros aspetos além daqueles que já mencionamos. Bossel (1999), quando fala em “desenvolvimento sustentável”, fala na necessidade de incluir, além dos aspetos ambientais, económicos e sociais, os tecnológicos, os políticos e os psicológicos.

Devido à temática em análise nesta tese, torna-se indispensável focarmo-nos nas dimensões social e psicológica, sendo esta relativa ao ser humano enquanto agente determinante na relação com o meio, sem desprezar a importância das sustentabilidades económica e ambiental.

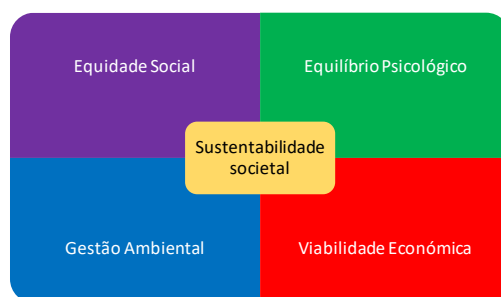
Para Machado e Fenzl (2000), a sustentabilidade social está baseada num processo de melhoria na qualidade de vida da sociedade, pela redução das desigualdades sociais. Ahmed e McQuaid (2005), para o mesmo conceito destaca a administração de recursos sociais, que incluem as pessoas e as suas habilidades e competências, instituições, relacionamentos e valores sociais.

Carvalho e Jonker (2015), ao introduzirem o conceito de “valor psicológico”, consideram que este influencia ou transforma a mentalidade de um indivíduo e consideram que este tipo de valor se relaciona com a autorrealização do indivíduo, com

o desenvolvimento de habilidades ou de novos conhecimentos que podem suggestionar novas perceções e comportamentos.

Em Carvalho (2018), descreve-se a sustentabilidade psicológica como o bem-estar mental manifestado por comportamentos saudáveis e sentimentos de satisfação e felicidade. O mesmo autor apresenta uma nova abordagem para uma proposta de valor complexa, que se relaciona com um conceito mais amplo de sustentabilidade (Figura 1).

Figura 1 – Modelo de Sustentabilidade Societal



Fonte: Carvalho (2018)

Esta abordagem é baseada nos aspetos complementares da sustentabilidade, defendendo o autor que em todas as situações, caso existam, é preferível existir uma proposta com o “pacote” completo de todos os valores que contribuem para a equidade social, a gestão ambiental, a viabilidade económica e o equilíbrio psicológico das pessoas. Tudo isto contribui para um novo e melhor estado de espírito, considerando-se que no setor sem fins lucrativos é possível obter ganhos sociais, adotando uma nova mentalidade e novos comportamentos para problemas ecológicos, económicos e sociais. A sustentabilidade social, económica, ecológica e psicológica surge assim, segundo o autor, como os pilares da sustentabilidade societal.

2. Acolhimento residencial

Antes de falar na modalidade de acolhimento residencial propriamente dita, importa fazer um breve enquadramento legal da proteção de crianças e jovens, assim como caracterizar as respostas sociais existentes. Depois disto, segue-se então uma explicação mais aprofundada da modalidade de acolhimento em estudo, assim como uma apresentação da situação em Portugal.

2.1. Enquadramento Legal

Considera-se uma criança ou jovem em perigo, segundo a Lei de Proteção de Crianças e Jovens (Lei nº 147/99, de 1 de setembro), quando esta está sujeita uma das seguintes situações:

- a) Está abandonada ou vive entregue a si própria;
- b) Sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;
- c) Não recebe os cuidados ou afeição adequados à sua idade e situação pessoal;
- d) É obrigada a atividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;
- e) Está sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional;
- f) Assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação.

2.2. O papel do Estado

São os pais que devem assumir o cuidado pelos seus filhos. As relações entre pais e filhos têm uma enorme importância durante a infância de uma criança. São os pais que devem demonstrar o seu intuito natural de cuidado e proteção, sendo os protagonistas com melhor posicionamento para conhecer quais as necessidades dos seus filhos. (Bertão, Delgado, Carvalho, & Pinto, 2015)

No entanto nem sempre existe este cuidado, ficando assim a criança exposta a situações de perigo. É neste contexto que entra a importância da intervenção do Estado.

O papel do Estado tem vindo a assumir uma crescente importância no que diz respeito à proteção de crianças e jovens em perigo, sendo que o seu apoio tem vindo a crescer. Tanto no que diz respeito à criação de novas instituições, como no desenvolvimento de novos planos de formação aos técnicos envolvidos nestes processos.

Em Portugal, de acordo com a legislação em vigor, decisões como a retirada da criança, a reunificação com a família de origem, pode ser tomada pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CNPJ). A Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, que consagra a proteção de crianças e jovens em perigo, define as CNPJ como instituições oficiais não judiciárias que visam a promoção dos direitos da criança e do jovem assim como a prevenção e colocação de um termo a situações suscetíveis de afetar o seu desenvolvimento. Se por algum motivo, esta Comissão não puder atuar, ou a sua intervenção não for eficaz, cabe aos Tribunais competentes conduzir os processos de promoção dos direitos e de proteção e aplicar as medidas de proteção que forem necessárias. (Delgado, Carvalho, Pinto & Martins, 2015)

2.3. Medidas de Promoção e Proteção

Segundo a Lei n.º 174/99 de 1 de setembro, Lei da proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJ), cabe ao Estado intervir através de entidades com competentes para a promoção dos direitos e a proteção da criança e do jovem em perigo com vista à eliminação do risco e perigo, aplicando as medidas consideradas adequadas. Estas entidades são entidades com competência em matéria de infância e juventude, as comissões de proteção de crianças e jovens e os tribunais.

O Estado dispõe de medidas de promoção para estas crianças e jovens em perigo, com o objetivo fulcral de remover o perigo a que estas são sujeitas, afastando-as destas situações nefastas, promovendo o seu bem-estar, segurança, saúde e mesmo a sua educação.

Aquando do conhecimento do perigo a que estas crianças são sujeitas, o artigo 35º da LCPJ, elenca as medidas que são aplicadas pelos tribunais e pelas CPCJ competentes. As medidas são: Apoio junto dos pais; Apoio junto de outro familiar; Confiança a pessoa idónea; Apoio para autonomia de vida; Acolhimento familiar;

Acolhimento residencial (anteriormente denominado “acolhimento em instituição”) e Confiança a pessoa selecionada para a adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista à adoção (medida inserida na redação conferida pela Lei nº142/2015, de 8 de setembro).

Segue-se uma caracterização geral destas sete medidas, sendo que a intenção do legislador serão sempre as designadas “medidas em meio natural de vida” em contraposição das “medidas de colocação”, o que não se verifica no nosso país, como mais à frente poderemos constatar.

- *Apoio junto dos pais*, tem como objetivo proporcionar à criança ou jovem apoio de natureza psicopedagógica e social e, quando necessário, ajuda económica (artigo 39º da LCPJ).
- *Apoio junto de outro familiar*, medida que consiste na colocação da criança ou do jovem sob a guarda de um familiar com quem resida ou a quem seja entregue, acompanhada de apoio de natureza psicopedagógica e social e, quando necessário, ajuda económica (artigo 40º da LCPJ).¹
- *Confiança a pessoa idónea*, consiste na colocação da criança ou do jovem sob a guarda de uma pessoa que, mesmo não pertencendo à sua família, com eles tenha estabelecido relação de afetividade recíproca. (artigo 43º).
- *Apoio para a autonomia de vida*, segundo o artigo 45º da presente lei, consiste em proporcionar diretamente ao jovem com idade superior a 15 anos apoio económico e acompanhamento psicopedagógico e social, nomeadamente através do acesso a programas de formação, visando proporcionar-lhe condições que o habilitem e lhe permitam viver por si só e adquirir progressivamente autonomia de vida, podendo também ser aplicada a mães com idades inferiores a 15 anos, e se verifique que a situação aconselha a aplicação desta medida.

¹ Segundo o artigo 41º da LCPJ, quando as duas medidas anteriormente sejam aplicadas, os pais ou os familiares a quem a criança ou o jovem sejam entregues podem beneficiar de um programa de formação visando o melhor exercício das funções parentais.

- *Acolhimento familiar*, consiste na atribuição da confiança da criança ou do jovem a uma pessoa singular ou a uma família, habilitadas para o efeito, visando a sua integração em meio familiar e a prestação de cuidados adequados às suas necessidades e bem-estar e a educação necessária ao seu desenvolvimento integral (artigo 46º da LCPJ).
- *Acolhimento residencial*, consiste segundo o artigo 49º da LCPJ, na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral.
- *Confiança a pessoa selecionada para a adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista à adoção*, pode consistir na colocação da criança ou do jovem sob a guarda de candidato selecionado para a adoção pelo competente organismo da segurança social, desde que não ocorra oposição expressa e fundamentada deste organismo.

Depois de caracterizadas de forma resumida, todas as medidas de promoção e proteção consagradas na LCPJ, segue-se então a caracterização mais aprofundada da medida “acolhimento residencial”, que será a medida que merece maior foco devido à temática da presente investigação.

2.4. Acolhimento Residencial

Segundo a Lei de proteção de crianças e jovens em perigo, artigo 35ºnº1 al f), o acolhimento residencial é uma das medidas de promoção e proteção de crianças e jovens em perigo. Esta medida consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral. (artigo 49º).

Esta modalidade pode ser de curta duração ou prolongada. No caso de ser de curta duração, a criança é inserida numa Casa de Acolhimento Temporário (CAT), por um período máximo de seis meses, podendo ser excedido por razões justificadas. O acolhimento prolongado tem lugar num Lar de Infância e Juventude (LIJ), quando as circunstâncias aconselhem um acolhimento superior seis meses. Estes lares podem ser especializados ou ter valências especializadas, devendo ser organizadas segundo modelos educativos adequados às crianças e jovens neles acolhidos.

Quanto à natureza destas instituições, elas podem ser públicas ou cooperativas, sociais ou privadas com acordos de cooperação com o Estado.

Importa referir que as crianças institucionalizadas têm direitos, entre eles, manter contato com a família, caso não haja limitações impostas judicialmente; receber uma educação que garanta o seu desenvolvimento integral, sendo assegurado a prestação de cuidados (saúde, formação escolar e profissional), e a participação em atividades culturais, desportivas e recreativas.

Quanto à cessação desta medida, ela acontece quando o jovem atinge a maioridade, e em casos em que se tenha solicitado a continuação, quando completa os 21 anos.

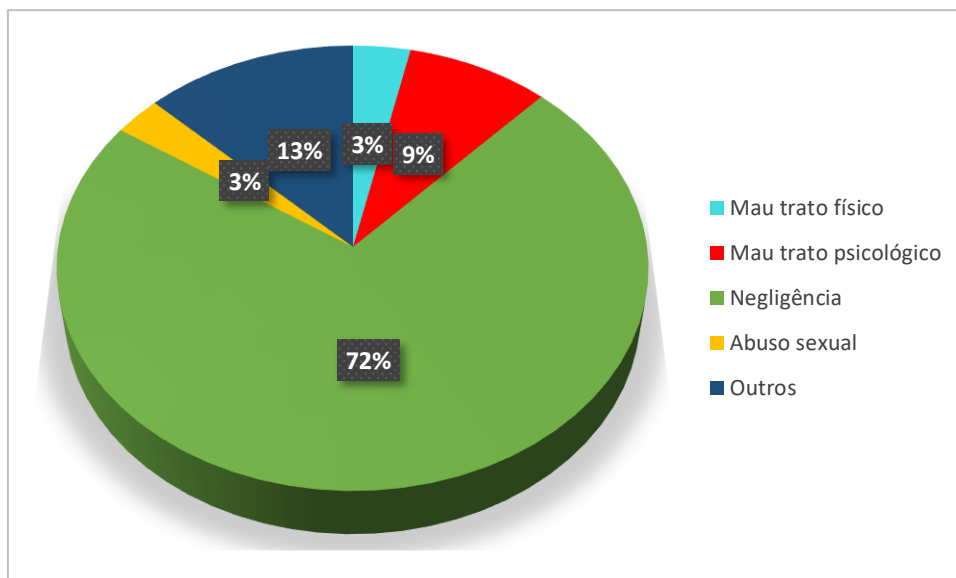
Depois de discutidos alguns aspetos legais acerca desta medida, é importante analisar esta situação em território nacional, mais uma vez, recorrendo ao último Relatório CASA, realizado pelo Instituto da Segurança Social.

2.5. Acolhimento Residencial em Portugal

Depois de caracterizada esta medida de promoção e proteção, olharemos então para o contexto português. Esta análise terá por base o último Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens (CASA), referente ao ano de 2016, publicado em maio de 2017 pelo Instituto da Segurança Social (ISS).

Quanto aos motivos/situações de perigo que originaram a abertura de processos de promoção e proteção às crianças em situação de acolhimento, podemos destacar a negligência, que representa cerca de 72%, como podemos constatar no gráfico 1.

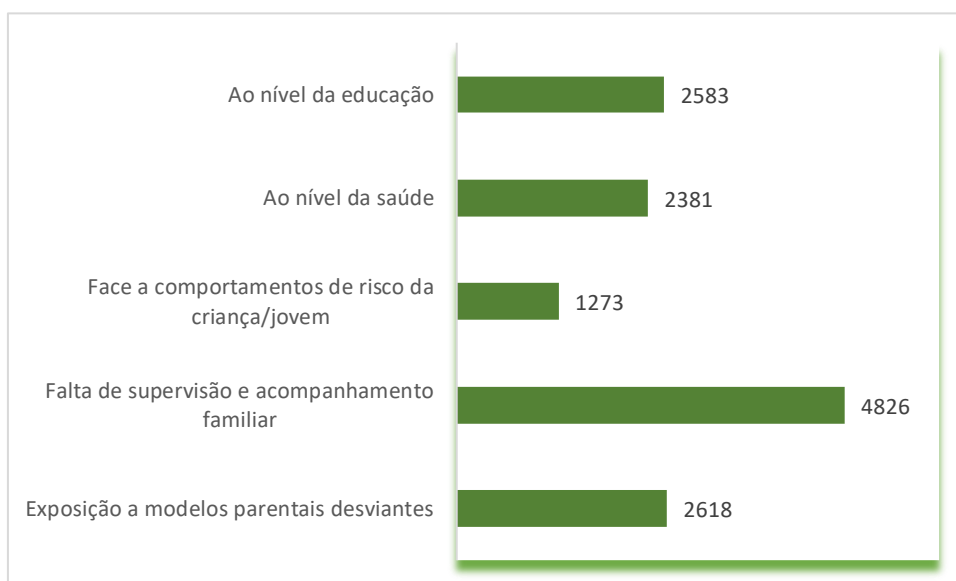
Gráfico 1 – Situações de perigo que originam o acolhimento



Fonte: CASA 2016: Relatório de Caracterização Anual da Situação de acolhimento de crianças e jovens.

Dentro da situação de negligência, e desdobrando essa situação de perigo, podemos constatar sem sombra de dúvidas que prevalece a falta de supervisão e acompanhamento familiar, seguida da exposição a modelos parentais desviantes e negligência ao nível da educação (Gráfico 2).

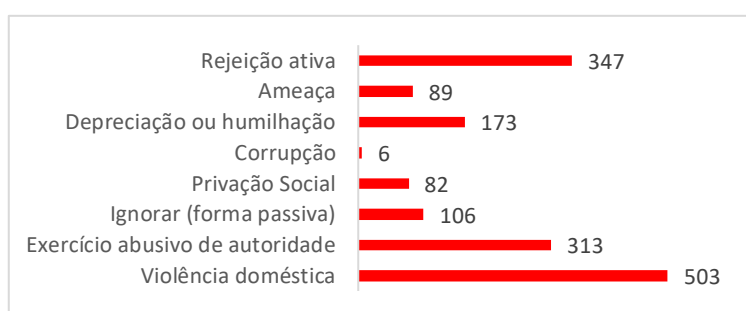
Gráfico 2 – Situações de negligência



Fonte: CASA 2016: Relatório de Caracterização Anual da Situação de acolhimento de crianças e jovens.

Outra situação de perigo, a situação de mau trato psicológico, desdobra-se como pode ser visto no gráfico 3. Destacam-se a categoria de violência doméstica, que se caracteriza pela exposição da criança a situações de violência, seguida da rejeição ativa, onde o adulto renega a presença da criança e demonstrando frieza afetiva. A forma de corrupção, que se representa por condutas do adulto em que este incentiva a criança a condutas antissociais e desviantes, é a menos encontrada.

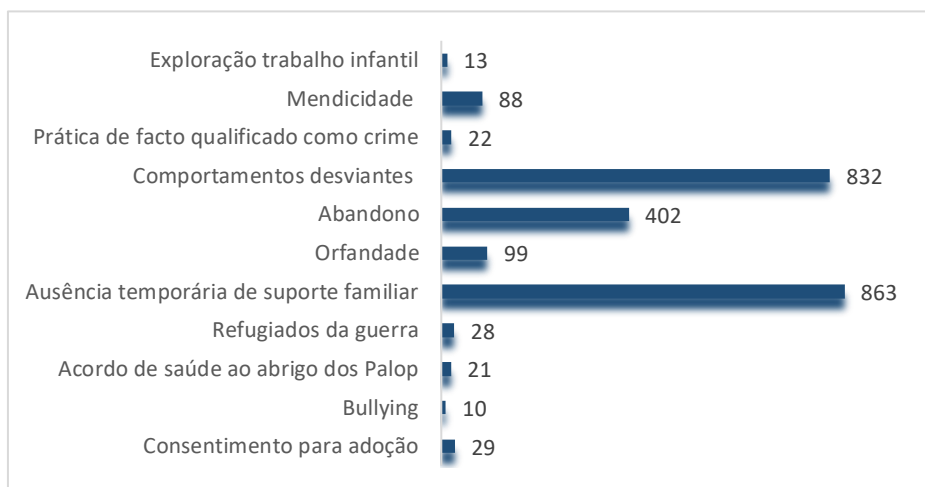
Gráfico 3 – Situações de mau trato psicológico



Fonte: CASA 2016: Relatório de Caracterização Anual da Situação de acolhimento de crianças e jovens.

Dentro da categoria “outras situações”, a situação com mais representatividade é a “ausência de suporte familiar”, seguida da situação “comportamentos desviantes”, comportamentos estes praticados pelos jovens (Gráfico 4). Importa clarificar o conceito de “consentimento para a adoção”, que se pode confundir com a situação de abandono. O consentimento para adoção apesar de não ser por si só uma situação de perigo, é determinante na entrada da criança no acolhimento residencial. A existência desta categoria permite diferenciar os pais que conscientemente tomam a decisão de deixar as suas responsabilidades, das que rejeitam o filho (abandono).

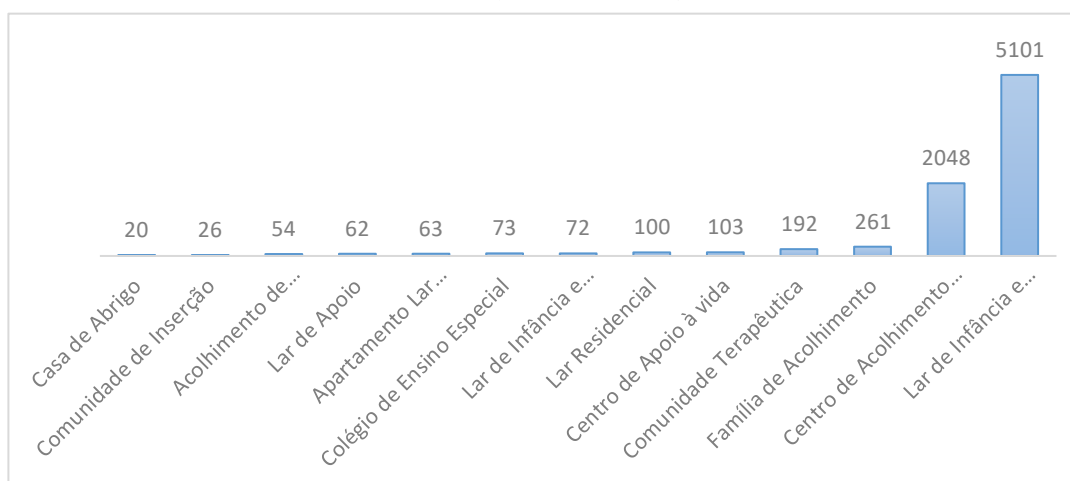
Gráfico 4 – Outras situações



Fonte: CASA 2016: Relatório de Caracterização Anual da Situação de acolhimento de crianças e jovens.

Segundo legislação em vigor, são vários os tipos de instituições que acolhem e protegem as crianças. Podemos destacar a partir do gráfico 5, os lares de Infância e Juventude e os Centros de Acolhimento Temporário. Como verificado, o acolhimento residencial é a resposta mais utilizada, o que nos leva a concluir que além da criança estar na instituição mais tempo que o necessário, a intenção do legislador é contrariada, uma vez que esta é a última medida a ser aplicada.

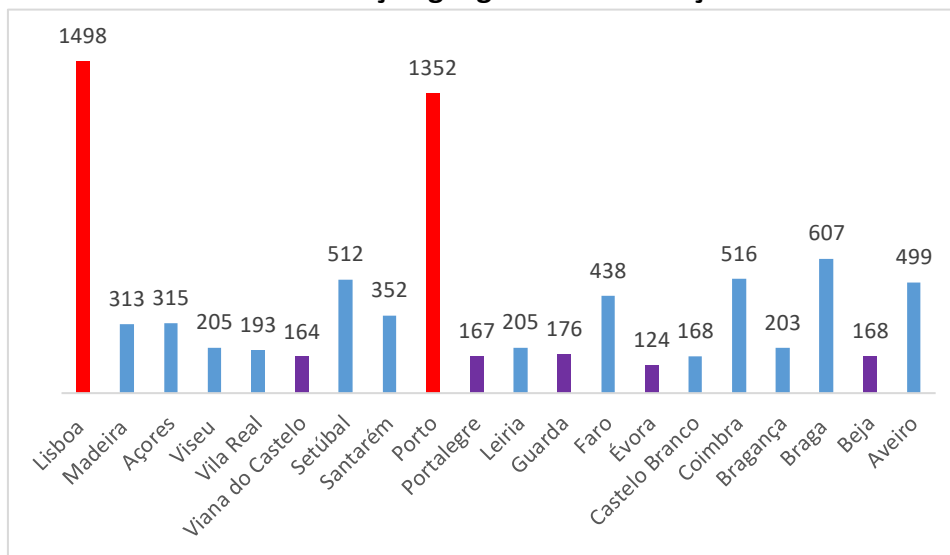
Gráfico 5 – Número de crianças acolhidas por local de acolhimento



Fonte: CASA 2016: Relatório de Caracterização Anual da Situação de acolhimento de crianças e jovens.

Como podemos verificar no gráfico 6, é no distrito de Lisboa que se concentram a maioria das crianças acolhidas. Em contrapartida, é nos distritos de Évora, Viana do Castelo, Portalegre e Beja, onde existem menos crianças em acolhimento.

Gráfico 6 – Distribuição geográfica das crianças acolhidas

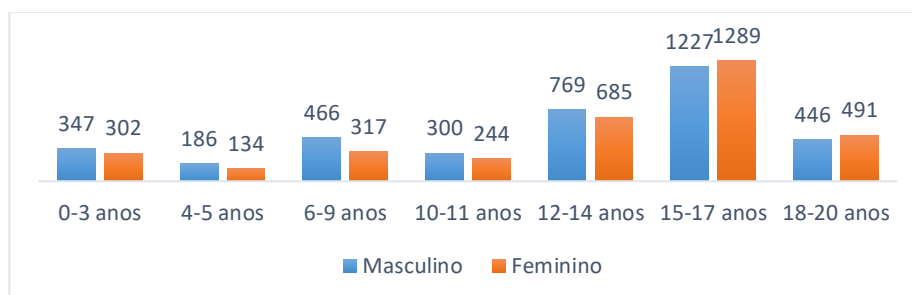


Fonte: CASA 2016: Relatório de Caracterização Anual da Situação de acolhimento de crianças e jovens.

Relativamente à faixa etária, prevalece sem sombra de dúvidas, crianças na faixa etária dos 15-17 anos de idade, (2.914) representando cerca de 36% da população em acolhimento. Segue-se a faixa etária dos 12-14 anos e dos 18-20, representando 19% e 14%, respetivamente (Gráfico 7).

Quanto a questões de sexo, prevalece o masculino com cerca de 53%, o que não parece ser muito relevante.

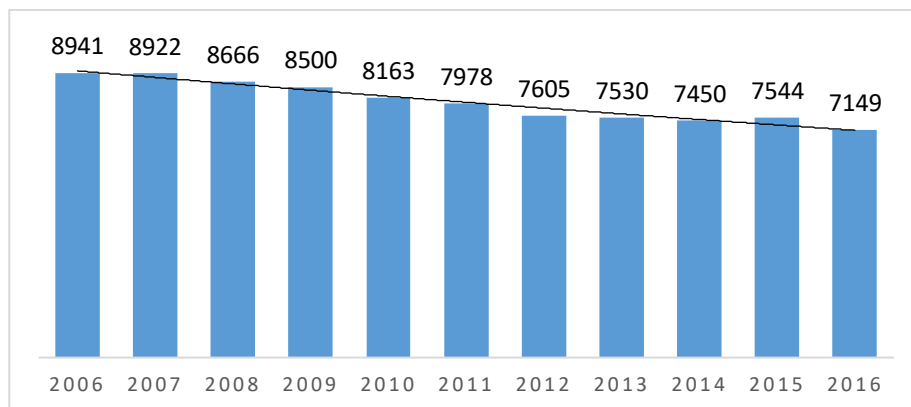
Gráfico 7 – Distribuição das crianças e Jovens em Perigo por sexo e faixa etária



Fonte: CASA 2016: Relatório de Caracterização Anual da Situação de acolhimento de crianças e jovens.

Os últimos dados apontam para 7.149 crianças em acolhimento residencial, o que revela um ligeiro decréscimo em relação ao ano anterior. O número de crianças em acolhimento residencial tem vindo a descer desde 2006, apenas se verificando um ligeiro aumento em 2015 (Gráfico 8).

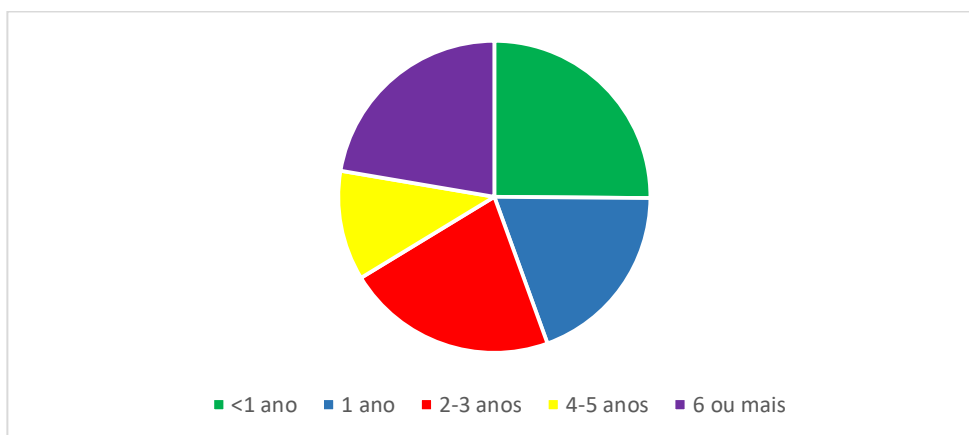
Gráfico 8 – Evolução do nº de crianças em acolhimento residencial



Fonte: CASA 2016: Relatório de Caracterização Anual da Situação de acolhimento de crianças e jovens.

Embora as medidas visem a retirada da criança das famílias biológicas por menos de um ano, podemos verificar pelo gráfico 9, que isso não acontece. Isto contraria as políticas idealizadas, sendo o acolhimento de longa duração.

Gráfico 9 – Duração do acolhimento



Fonte: CASA 2016: Relatório de Caracterização Anual da Situação de acolhimento de crianças e jovens.

2.6. Vantagens e desvantagens do acolhimento residencial

A literatura científica, em geral, aponta para os efeitos nefastos que o acolhimento residencial pode constituir para a criança acolhida (e.g., Carbone, Sawyer, Searle, & Robinson, 2007; Fernández-Daza & Fernández-Parra, 2013). Assim, os adolescentes institucionalizados têm maior prevalência de problemas comportamentais, imaturidade e alterações emocionais do que aqueles que vivem com suas famílias. Para Carbone et al. (2007), estas crianças experienciam com maior frequência sentimentos como a depressão e a ansiedade, menor autoestima, e exibem mais atrasos de desenvolvimento, quando comparadas com a população em geral.

No entanto, podemos afirmar que o facto destas crianças se encontrarem expostas a situações de perigo, e passarem a ser acolhidas e protegidas, sendo-lhes garantidas as necessidades básicas para o seu desenvolvimento adequado, constitui uma vantagem em si mesmo.

Segundo Arteaga e Dell Valle (2003), quando a criança é separada do seu contexto familiar, são as residências que desempenham o recurso mais importante na vida destas. Segundo os autores, é no cuidado residencial que podem ser atenuados eventos stressantes que a criança foi sujeita, os problemas familiares e muito importante também, é neste cuidado que as crianças podem ter o devido apoio na saída e posterior adaptação ao novo contexto.

Mota e Matos (2010), também afirmam que todos os fatores negativos associados ao acolhimento residencial podem ser atenuados quando são tidos em conta fatores protetores relacionados com circunstâncias tanto contextuais como emocionais. Estas autoras defendem, também, que o relacionamento com pessoas significativas, que podem dar respostas afetivas e sociais de qualidade, permite facilitar a organização interna das experiências das crianças e, posteriormente, promover um desenvolvimento psicossocial e emocional ajustado.

Um estudo realizado por Carvalho e Manita (2010), acerca das perceções das crianças e adolescentes institucionalizados sobre o processo de institucionalização e a experiência na instituição, conclui que as primeiras impressões das crianças são negativas, na entrada na instituição, e progressivamente vão mudando, à medida que

vão conhecendo os seus colegas, os funcionários, os técnicos e a instituição. Na mesma linha de pensamento Knorth, Harder, Zandberg, e Kendrick (2008), a partir de uma meta-análise, concluíram que crianças e jovens após um período em acolhimento residencial melhoram o seu funcionamento psicossocial.

3. Bem-estar subjetivo

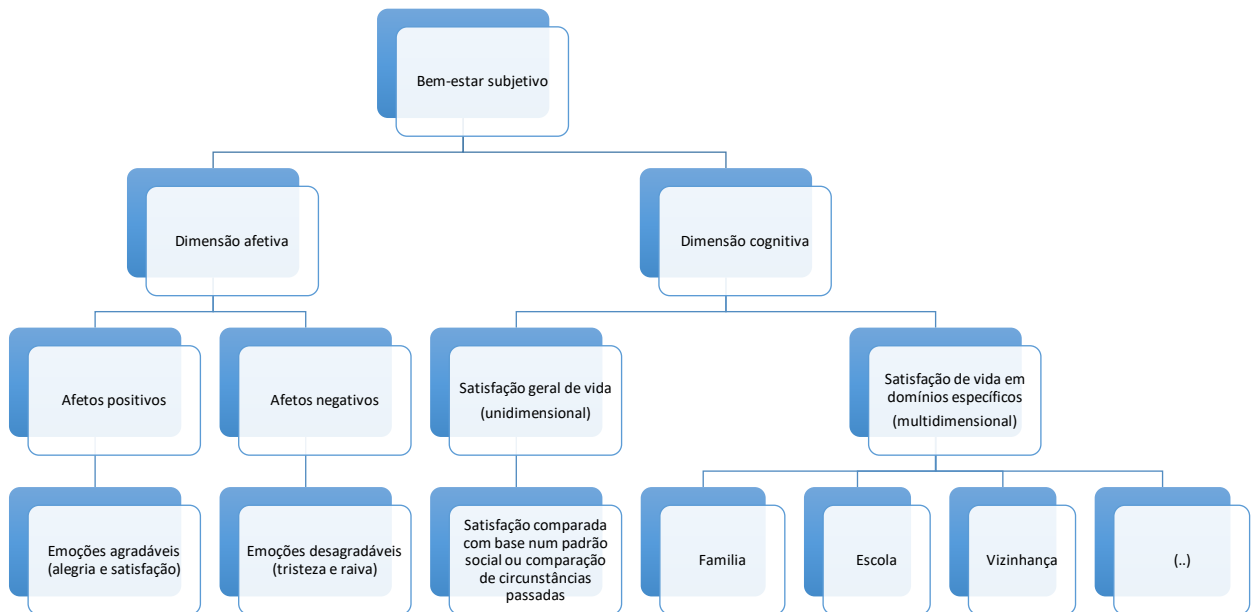
3.1. Bem-estar subjetivo em geral

O “bem-estar” está associado à sociologia económica e política, ou seja, mais ligado à intervenção do Governo. Em contrapartida, refere-se também a condições individuais ou psicológicas, e por isso é denominado “subjetivo”. (Poletto & Koller, 2011).

O bem-estar abrange a “felicidade”, bem como o padrão de vida, e existem vários debates que se centram em indicadores subjetivos versus objetivos. Uma análise intercultural faz com que esta ideia de “bem-estar” seja ainda mais complexa e se ilustrassem os desafios metodológicos. (Ben-Arieh & Frønes, 2011).

O bem-estar subjetivo é uma construção que inclui componentes cognitivos (Figura 2), que se referem à satisfação geral de vida (unidimensionais) ou satisfação em domínios específicos (multidimensionais), e componentes afetivos, que englobam afetos positivos e negativos (Dinisman, Montserrat, & Casas, 2012; Kosher & Ben-Arieh, 2017; Montserrat, Dinisman, Grigoraş, Bălţătescu, & Casas, 2015; Poletto & Koller, 2011). Segundo Casas (2011), o bem-estar subjetivo é um componente psicossocial da qualidade de vida e pode ser entendido como resultado das próprias avaliações que as pessoas fazem das suas vidas em geral, levando em conta também áreas mais específicas. Estes dois componentes, o cognitivo e o afetivo, são componentes que se inter-relacionam e expressam crenças e desejos que os indivíduos têm ao longo de suas vidas.

Figura 2 – Componentes do Bem-estar subjetivo



Fonte: Elaboração própria

Segundo Lima e Morais (2016), a dimensão afetiva caracteriza-se como sendo as respostas dos indivíduos aos eventos que surgem nas suas vidas, e é composta por afetos positivos e negativos. Os afetos positivos são emoções por si experiências agradáveis, como alegria e prazer, já no que diz respeito aos afetos negativos, eles representam emoções desagradáveis como tristeza e raiva. Os mesmos autores falam também na componente cognitiva e caracterizam-na como o julgamento individual da satisfação de vida com base num padrão social ou comparação com circunstâncias passadas da vida.

Outros autores defendem que o afeto positivo revela o quão uma pessoa está motivada, alerta e ativa, sendo um sentimento transitório de prazer ativo e uma descrição de um estado emocional. O afeto negativo, refere-se a um estado de distração, compromisso desagradável, e é também um sentimento transitório e um aspeto de angústia geral e insatisfação (e.g., Poletto & Koller, 2011).

3.2. Bem-estar subjetivo das crianças

Foi a 20 de novembro de 1989 que as nações Unidas adotaram por unanimidade a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC). Neste documento foram enunciados um conjunto de direitos fundamentais (Civis e políticos, económicos, sociais e culturais). Portugal ratificou a Convenção a 1 de setembro de 1990, convenção essa que assenta em quatro pilares fundamentais: A não-discriminação; o Interesse Superior da Criança; a Sobrevivência e desenvolvimento e a Opinião da Criança (UNICEF).

Desde logo, o interesse superior da criança enuncia que todas as decisões que a elas digam respeito, devem ter em conta o seu superior interesse, sendo que o Estado deve garantir à criança, cuidados adequados quando os pais ou outras pessoas por si responsáveis, não tenham a capacidade de o fazer (Artigo 3º CDC).

A participação das crianças não é só importante por razões normativas e morais, é importante porque é um fator que aumenta o seu bem-estar (Kosher & Ben-Arieh, 2017).

Assim, as crianças tornam-se o foco dos padrões internacionais de direitos humanos, sendo que esta convenção proporciona um começo valioso na definição do seu bem-estar, surgindo a necessidade de se ter em conta o ponto de vista das crianças (Ben-Arieh, 2006).

Os indicadores sociais são reconhecidos como uma ferramenta importante na definição de políticas sociais, no entanto esses indicadores sociais relativos às crianças, têm sofrido um lento desenvolvimento, pois até então, apenas eram incluídos dados sobre as famílias ou lar, nunca sendo as próprias crianças objeto de observação (Ben-Arieh, 2005; Kosher & Ben-Arieh, 2017).

Ao pensarmos no bem-estar infantil, devemos preocuparmo-nos não só com o presente como com o futuro, pois de um ponto de vista intergeracional, a criança é o progenitor do adulto e um futuro pai das gerações futuras. O próprio vínculo entre a criança e o “eu futuro” pode ser uma ênfase num conjunto de fatores habilitantes, tanto pessoais como cívicas. Estas “habilidades para a vida” incluem o conhecimento, treino, valores morais e sociais, traços de personalidade e muito importante, a capacidade de desempenhar um papel efetivo na família, no seu próprio local de trabalho e na

sociedade civil em geral. Ou seja, é necessário preparar a criança na sua transição para etapas posteriores da vida ou para controlar os processos de desenvolvimento. É importante salientar, que existem esforços para caracterizar a criança como membro ativo da sociedade, que eles influenciam os adultos nas suas vidas, e os seus próprios pares (Ben-Arieh, 2005, 2006)

Embora ainda sejam importantes as medidas antigamente usadas (taxa de mortalidade infantil, taxa de sucesso escolar, doença ou desnutrição), estas são insuficientes para medir o bem-estar subjetivo além da sobrevivência. Tratam-se de fatos objetivos, e constatou-se então, com o desenvolvimento deste tema e a realização de novas pesquisas, a importância de incluir também indicadores positivos e subjetivos (Ben-Arieh, 2005, 2006; Ben-Arieh & Frønes, 2011; Dinisman et al., 2012).

Os indicadores sociais devem ser uma ferramenta de mudança, e devem ser aceites como válidos por aqueles que estão em condições de alterar políticas e atribuir recursos. Do ponto de vista político, decisões acerca do investimento em jovens podem ser muito determinadas por quem beneficia e por quem paga. Se são os jovens e as famílias que beneficiam, mas a sociedade em geral é que paga, pode não haver um forte apoio político para oferecer recursos adicionais à juventude (Ben-Arieh, 2005).

Um conceito redefinido de bem-estar das crianças, é guiado por dois pressupostos: o primeiro é que a criança tem direito à dignidade e aos direitos humanos básicos, e o segundo é que a infância é uma etapa que merece atenção e respeito (Ben-Arieh, 2006).

A UNICEF dá ênfase à necessidade de um conjunto de indicadores sobre o bem-estar da criança, e a União Europeia procura desenvolver sistemas de indicadores que lidam com questões mais complexas como coerência social, inclusão e sustentabilidade (Ben-Arieh & Frønes, 2011). Estes indicadores objetivos e subjetivos, de modo a uma melhor compreensão do bem-estar infantil, devem contemplar o bem-estar material, saúde e segurança, bem-estar educacional, relações interpessoais, comportamento, riscos e bem-estar subjetivo (Dinisman et al., 2012).

Existem ainda poucos estudos sobre o bem-estar subjetivo de crianças, começando a aparecer os primeiros estudos apenas nos últimos anos. Estes estudos,

centrados na perspectiva da criança incluem dados objetivos e também dados subjetivos (Llosada-Gistau, Montserrat, & Casas, 2015). Esta escassez de estudos sobre o tema pode justificar-se pela dificuldade que existe em assumir o relato da criança como confiável. As crianças diferem dos adultos em habilidades cognitivas, na capacidade de compreender as instruções de pesquisa, o que leva a menores taxas de resposta e menor confiabilidade em estudos que envolviam diretamente crianças (Ben-Arieh, 2006; Montserrat et al., 2015). Ainda dentro da questão da confiabilidade do relato, Ben-Arieh (2006) afirma que é um desafio metodológico para qualquer investigador, pois diferentes populações de pesquisa representam diferentes desafios, sejam eles legais, culturais, físicos ou ligados à idade.

O Bem-estar subjetivo das crianças e adolescentes foi reconhecido como sendo um componente importante na compreensão da qualidade de vida destes, sendo escasso o conhecimento sobre as formas em que o ambiente de vida dos jovens o pode influenciar, assim como os estudos com jovens que vivem em cuidados residenciais. É fundamental estudar o bem-estar subjetivo de crianças vulneráveis, pois estas tendem a sofrer desvantagens sociais, como viver na pobreza e sofrer desigualdades a nível de oportunidades educacionais (Dinisman et al., 2012).

Por isso, as intervenções que aumentam os padrões de vida das famílias pobres com crianças, promovendo aspetos como habitação adequada, acesso a escolas boas e outros serviços públicos, têm um impacto maior na redução do risco de desajuste e problemas com a saúde física e emocional. Melhorar essas infraestruturas reduziria diretamente a adversidade e ajudaria as famílias empobrecidas a superar suas dificuldades. As intervenções envolvem, além disso, a comunidade, tornando-os participantes ativos e agentes de mudança.

Segundo um estudo da Eurochild (2013) sobre o bem-estar das crianças na Europa, alcançar o seu bem-estar é mais do que lutar contra a pobreza infantil, pois envolve colocarmo-nos na “perspetiva da criança”, levando em consideração a natureza multidimensional das suas vidas e a importância das suas relações. Engloba dimensões como a saúde, educação, apoio familiar, proteção e capacidade da criança participar nas decisões que a afetam. De facto, um nível de vida adequado afeta positivamente o

desenvolvimento da criança a nível físico, mental, moral e social. No entanto, não podemos fazer disto uma regra. Crianças que vivem com rendimentos baixos, não é sinónimo de viver mal, principalmente se estas pertencem a um ambiente familiar seguro e carinhoso e se tiverem acesso aos mesmos serviços e oportunidades que as outras crianças. Em contrapartida, é possível que uma criança cuja família tenha rendimentos altos tenha o seu bem-estar ameaçado por viver numa família desestruturada e privada de afeto, ou sendo excluída de oportunidades. Apesar do que foi dito anteriormente, é mais provável que uma criança que viva numa família com rendimentos altos tenha menos dificuldades para alcançar o seu bem-estar.

Como anteriormente referi, são ainda muito poucos os estudos sobre o bem-estar subjetivo das crianças em acolhimento residencial, no entanto nota-se uma crescente preocupação com esta temática. Em seguida serão apresentados algumas das conclusões dos estudos já realizados.

Dinisman et al. (2012) estudaram o bem-estar subjetivo de crianças que experienciaram mudanças recentes nas suas vidas. O estudo levado a cabo por estes autores, comparou o bem-estar subjetivo de crianças em três formas de vida diferentes: crianças em atendimento residencial; crianças que vivem em famílias monoparentais e crianças que vivem em famílias biparentais. Concluíram assim que o fator “estabilidade” é muito importante na medição do bem-estar subjetivo infantil. As crianças que sofrem poucas mudanças em termos de cuidadores, escola, casa ou área que vivem apresentam um bem-estar subjetivo maior que as que sofreram mais mudanças. Os autores apontam como um possível fator de estabilidade para as crianças em residências, a escola, as atividades de lazer e os serviços de saúde, onde as desigualdades podem ser compensadas.

Casas e Bello (2012) no seu estudo sobre o bem-estar subjetivo em crianças espanholas chegaram a importantes conclusões. Os autores encontraram níveis mais altos de bem-estar subjetivo em crianças que eles dão mais importância aos valores "relacionais" (simpatia, gentileza, relacionamentos pessoais, solidariedade), enquanto o nível de bem-estar é menor entre aqueles que dão mais importância aos valores “materialistas” (dinheiro, poder, imagem).

Dell'Aglio e Siqueira (2010), numa investigação que comparava a satisfação de vida de crianças institucionalizadas com crianças que vivem com as suas famílias, constatou que não existe diferença significativa entre os grupos. Os autores justificam os achados com a existência de suporte social e atendimento das necessidades básicas das crianças institucionalizadas. As crianças sofrem com o seu afastamento da família biológica, no entanto os fatores que originaram a institucionalização são fatores de risco, e este afastamento protege a criança. Enquanto as crianças que vivem em situações de perigo enfrentam problemas como a pobreza, e conseqüente não satisfação das suas necessidades básicas, nas instituições as crianças têm acesso a diversas coisas, nomeadamente alimentação, roupas, brinquedos, internet, etc. Muito importante também, estas crianças frequentam de forma assídua a escola, fazem amizades dentro e fora da instituição o que lhes garante o apoio social e emocional necessário ao seu bom desenvolvimento.

METODOLOGIA

Nesta secção encontra-se a metodologia usada neste estudo, começando pela delimitação dos objetivos e das questões de investigação.

Será também apresentada a amostra, o questionário, as questões éticas e os instrumentos utilizados.

Este estudo está no âmbito de um projeto de investigação, intitulado “O bem-estar subjetivo das crianças em acolhimento”, desenvolvido no InED, Centro de Investigação e Educação, da Escola Superior de Educação do Porto (ESE), tendo por objetivo explorar e comparar o bem-estar subjetivo das crianças com três projetos de vida diferentes.

O objetivo específico do presente estudo é analisar o bem-estar subjetivo (BES) das crianças em acolhimento residencial. Para isso, recorreu-se a métodos de recolha de dados quantitativos, através de um questionário, cujos dados foram tratados no software IBM® SPSS®.

4. Objetivos e Questões de Investigação

Tendo em consideração a natureza deste estudo, pretende-se:

- (1) Apresentar, teoricamente, o âmbito conceptual da sustentabilidade societal.
- (2) Caracterizar a resposta social de acolhimento residencial em Portugal.
- (3) Avaliar o nível de bem-estar subjetivo de crianças em acolhimento familiar no norte do país.

Estes objetivos consubstanciam as seguintes questões de investigação:

- (1) Que conceitos estão na base teórica da sustentabilidade societal?
- (2) Como se caracteriza o acolhimento residencial em Portugal?
- (3) Que vantagens e desvantagens pode a resposta social de acolhimento residencial apresentar como contributo para a sustentabilidade societal?
- (4) Qual o nível de bem-estar subjetivo de crianças em acolhimento residencial no norte de Portugal?
- (5) Qual o impacto relativo das dimensões do bem-estar subjetivo no bem-estar das crianças?

5. Método

5.1. Participantes

Segundo o último relatório CASA (caracterização anual da situação de acolhimento das crianças e jovens) publicado pela segurança social, as famílias de acolhimento concentram-se a norte do país, tomando maior expressão nos distritos do Porto, Vila Real, Braga e Viana do Castelo.

Esta investigação teve como participantes, crianças em acolhimento residencial dos distritos acima mencionados, na faixa etária dos 11 aos 15 anos. Este estudo faz parte de um estudo maior, comparativo, entre crianças que vivem com as suas famílias de origem, crianças em acolhimento familiar, e crianças em acolhimento residencial, o qual está a ser desenvolvido por uma equipa da Escola Superior de Educação do Porto.

Tabela 1 – Descrição da amostra

		N	%
SEXO	Feminino	85	58,6
	Masculino	60	41,4
IDADE	11 anos	12	8,3
	12 anos	22	15,2
	13 anos	30	20,7
	14 anos	42	29
	15 anos	39	26,9
DISTRITO	Braga	44	30,3
	Porto	70	48,3
	Viana do Castelo	10	6,9
	Vila Real	21	14,5
NACIONALIDADE	Portuguesa	139	95,9
	Angolana	1	0,7
	Brasileira	1	0,7
	Espanhola	1	0,7
	Guineense	1	0,7
	Polaca	1	0,7
	Tanzaniana	1	0,7
ETNIA	Branco(a)	105	72,4
	Mulato(a)	14	9,7
	Outro(a)	9	6,2
	Negro(a)	6	4,1
	Não Sei	6	4,1
	Cigano(a)	5	3,4

Para efeito desta dissertação, foram estudadas as crianças e jovens em acolhimento residencial no norte do país, nos distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo e Vila Real. A população de crianças nestes distritos, entre os 11 e os 15 anos é de 808². Assim, a nossa amostra de 145 crianças e jovens corresponde a 18% do total da população respetiva. Esta amostra é representativa, permitindo estatísticas com um grau de confiança de 95%, para um erro máximo de 5% em relação às médias. A média de idades é de 13,51 anos (DP = 1,264); sessenta destas crianças e jovens são do sexo masculino (41,4%) e oitenta e cinco do sexo feminino (58,6%); e 6 crianças não têm nacionalidade portuguesa (Tabela 1).

5.2. *Questionário*

O ISCWeb é um questionário autoadministrado, ou seja, preenchido pela própria criança. Permite assim a realização de uma medição quantitativa, explorando o próprio ponto de vista da criança. Este questionário está disponível no site (<http://www.isciweb.org/>), e encontra-se adaptado em três versões para três faixas etárias. Ele foi construído com base no trabalho desenvolvido por pesquisadores de várias disciplinas, como as ciências da educação, trabalho social, psicologia social, psicologia infantil, sociologia, bem-estar social, estudos populacionais e economia. Destes pesquisadores, destacamos o importante contributo de Sabine Andresen, Asher Ben-Arieh, Jonathan Bradshaw, Ferran Casas, Bong Joo-Lee, Gwyther Rees, Hanita Kosher e Tamar Dinisman. Assim, este questionário baseia-se em escalas desenvolvidas por estes e outros investigadores, todas elas contribuindo para medir o bem-estar subjetivo das crianças, tendo sido adaptado ao nosso idioma e ao facto de estarmos a estudar crianças em acolhimento residencial. A versão catalã foi testada já em alguns estudos (Casas & Bello, 2012), sendo introduzidas as respetivas modificações ao acolhimento residencial (Llosada-Gistau, Casas, & Montserrat, 2017; Llosada-Gistau, Montserrat, & Casas, 2015). As alterações feitas ao questionário original foram por

² Valor estimado com base no Relatório Casa 2016, aplicando as percentagens de incidência de crianças e jovens acolhidos em residências nos distritos considerados, aos números calculados para cada escalão etário: um meio do número de crianças entre os 11 e 12 anos; total de crianças entre os 12 e 14 anos; e um terço do número de jovens entre os 15 e os 17 anos.

exemplo, a troca da palavra “casa” por “casa de acolhimento”, e da palavra “família” por “acolhedores”. O questionário aplicado neste estudo encontra-se em anexo.

Este questionário apresenta 44 questões agrupadas em 10 temáticas:

- 1) Sobre a criança;
- 2) A relação com os seus pais;
- 3) A sua casa de acolhimento;
- 4) As coisas que a criança tem;
- 5) Os seus amigos e outras pessoas;
- 6) A zona onde mora e a vizinhança;
- 7) Sobre a escola que frequenta;
- 8) Como usa o tempo;
- 9) Como a criança se sente consigo própria;
- 10) E sobre a sua vida e o futuro.

Foi realizado um pré-teste com seis adolescentes em acolhimento residencial, (cinco do sexo feminino e um do sexo masculino) de modo a garantir a validação semântica dos itens apresentados. Verificou-se nesse pré-teste, uma necessidade de adaptação de algumas perguntas para melhor compreensão por parte das crianças.

Este questionário tem vindo a ser usado em vários estudos desta área, (e.g., Dinisman & Ben-Arieh, 2016; Llosada-Gistau et al., 2015; Montserrat et al., 2015), e pertence a um importante projeto, intitulado “Children’s Worlds”. Trata-se de uma pesquisa mundial que tem como foco o bem-estar subjetivo das crianças e como objetivo, a melhoria da vida delas. A equipa responsável por este projeto afirma também que com o estudo da realidade infantil nos diversos países, pretendem influenciar não só os líderes de opinião como os que têm poder de decisão, profissionais e o público em geral.

Este projeto é financiado pela *Fundação Jacobs*, uma fundação de referência a nível mundial, na promoção e desenvolvimento infantil e juvenil.

5.3. Instrumentos de medida

As escalas incluídas no questionário são:

- (1) SLSS – Student Life Satisfaction Scale (Escala de Satisfação de Vida dos alunos). Foi desenvolvida por Huebner (1991) e é baseada na escala SWLS de Diener, Emmons, Larsen, e Griffin (1985). O seu objetivo é avaliar globalmente a satisfação com a vida de crianças e jovens com idade entre os 8 e 18 anos (Tabela 2). No nosso estudo, a sua fiabilidade, medida pelo Alpha de Cronbach, foi muito boa ($\alpha = 0,88$).

Tabela 2 – Componentes da escala SLSS

Até que ponto estás de acordo com cada uma destas frases?
A minha vida corre bem
A minha vida é exatamente como deveria ser
Eu tenho uma boa vida
Eu tenho o que quero na vida
A minha vida é melhor que a dos outros rapazes ou raparigas

- (2) PWI-SC – Personal Well-being Index-School Children (Índice de bem-estar pessoal para Crianças em idade escolar). Foi desenvolvido por Cummins, Eckersley, Pallant, Vugt, e Misajon (2003). Originalmente foi criado para medir o bem-estar subjetivo em adultos e mais tarde foi adaptado por Cummins e Lau (2005) para as crianças, sendo composto por sete itens. No nosso estudo são utilizados nove itens, sendo os dois últimos adicionados por Casas et al. (2012), que dizem respeito ao uso do tempo e da vida como estudante (Tabela 3). A escala varia de 0 a 10 pontos, sendo que o (0) significa nada satisfeito(a) e o (10) totalmente satisfeito(a). No nosso estudo, a sua fiabilidade foi muito boa ($\alpha = 0,85$).

Tabela 3 – Componentes da Escala PWI-SC9

Quão satisfeito(a) estás com cada uma das seguintes coisas na tua vida:
As coisas que tens?
A tua saúde
A segurança que sentes?
Coisas que sabes que fazes bem
Relacionamento com outras pessoas?
Fazer coisas fora da Casa de Acolhimento?
O que pode vir a acontecer mais tarde na tua vida
Como utilizas o teu tempo?
A tua vida como aluno

- (3) Escala Geral de Satisfação com a Vida (OLS – Overall Life Satisfaction Scale). O OLS é um item único que verifica a satisfação geral com vida. Campbell, Converse, e Rodgers (1976) apontou a importância de usar um único item na avaliação do bem-estar subjetivo. A criança responde à questão: “Quão satisfeito(a) estás com a tua vida como um todo?”.
- (4) Brief Multidimensional Students’ Life Satisfaction Scale (BMSLSS). Trata-se de uma versão breve da Escala de Satisfação com a Vida dos Estudantes, elaborada por Seligson, Huebner, e Valois (2003). É uma medida com cinco itens (Tabela 4), e optou-se por avaliar numa escala de resposta de 11 pontos, que variam entre 0 e 10, sendo que o (0) significa nada de acordo e o (10) totalmente de acordo. No nosso estudo, a sua fiabilidade foi considerada aceitável ($\alpha = 0,68$). Consideramos que esta escala poderá ter problemas de validade de conteúdo. No entanto, tem sido utilizada e publicada noutros estudos (Casas, et al., 2011; Strózik, Strózik, & Szwarc, 2016).

Tabela 4 – Componentes da escala BMSLSS

Quão satisfeito(a) estás com cada uma das seguintes coisas na tua vida:
A tua vida familiar com os acolhedores
Os teus amigos?
A tua experiência escolar
O teu corpo?
A zona onde moras/ a tua vizinhança

- (5) Índice Geral de Satisfação do Domínio (GDSI – General Domain Satisfaction Index). Permite medir a satisfação com a vida em diferentes domínios, tendo sido desenvolvido por Casas e Bello (2012). É composto por 29 itens (Tabela 5) que avaliam o bem-estar em oito domínios, numa escala de 11 pontos variando de 0 (completamente insatisfeito) a 10 (completamente satisfeito). No nosso estudo, a sua fiabilidade foi muito boa ($\alpha = 0,94$).

Tabela 5 – Componentes da escala GDSI

Domínios	Quão satisfeito(a) estás com cada uma das seguintes coisas na tua vida:
<i>A tua casa de acolhimento</i>	A Casa de Acolhimento onde moras? Os educadores da Casa de Acolhimento? Com os teus companheiros(as) na tua Casa de Acolhimento? Com a tua vida familiar com os teus acolhedores? O diretor da casa de Acolhimento
<i>As coisas que tens</i>	Quão satisfeito(a) estás com as coisas que tens?
<i>Os teus amigos e outras pessoas</i>	Os teus amigos? As pessoas que moram na zona onde moras/ os teus vizinhos? O teu relacionamento com as pessoas?
<i>Zona onde moras</i>	A polícia da zona onde moras? Os espaços ao ar livre que as crianças podem usar na zona onde moras/ na tua vizinhança? A zona onde moras/ a tua vizinhança?
<i>Saúde</i>	Como és tratado(a) quando vais ao médico?
<i>Gestão do teu tempo</i>	Como utilizas o teu tempo? O que fazes nos tempos livres?
<i>Escola</i>	Outras crianças da tua turma? As tuas notas na escola? A tua experiência escolar? A tua vida como aluno(a)?
<i>Pessoal</i>	A liberdade que tens? As oportunidades que tens? A tua aparência? O teu corpo? A tua autoconfiança? A segurança que sentes? Com as coisas que sabes que fazes bem? Com o fazer coisas fora da Casa de Acolhimento? Com o que te pode acontecer mais tarde na tua vida? Como és ouvido pelos adultos?

(6) Russell’s Core Affect – Foi desenvolvida por Russel (2003) e consta de 11 itens que avaliam afetos positivos e negativos, assim como ativos e passivos. No nosso estudo, utilizámos uma versão reduzida, composta apenas por 6 itens que avaliam só os afetos positivos (tabela 6). A escala varia de 0 a 10, sendo que o (0) significa “nada” e o (10) “extremamente”. No nosso estudo, a sua fiabilidade foi muito boa ($\alpha = 0,87$).

Tabela 6 – Componentes da escala Russell’s Core Affect

Indica o quanto te sentiste assim nas últimas duas semanas:
Satisfeito(a)
Feliz
Relaxado(a)
Ativo(a)
Calmo(a)
Cheio(a) de energia

5.4. Procedimentos

Foram contactadas as direções das 48 instituições de acolhimento residencial no norte do país. O consentimento para a realização do inquérito foi obtido em 20 dessas instituições, o que permitiu obter uma amostra de 145 crianças e jovens. Olhando à distribuição das organizações e das crianças em acolhimento familiar (critérios de comparabilidade do estudo geral), consideramos que esta amostra é representativa da população envolvida. A investigadora deslocou-se às instalações das residências para aplicação do inquérito. Durante a sua realização, ela esteve presente para esclarecer qualquer tipo de dúvida que fosse surgindo, sendo a duração do questionário de aproximadamente 15-20 minutos.

5.5. Questões éticas

Durante todo o processo de recolha de dados, a investigadora fez uma breve explicação do estudo, garantindo a confidencialidade e o anonimato das respostas, assim como a não obrigação de responder ao inquérito ou, respondendo, a possibilidade de não responderem a qualquer questão para a qual não estivessem preparados ou confortáveis. A investigadora obteve o consentimento de todas as crianças para responder ao inquérito.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. Que conceitos estão na base teórica da sustentabilidade societal?

No nosso estudo em concreto, a sustentabilidade societal relaciona-se com a forma como cada sociedade consegue gerir e disponibiliza as respostas sociais adequadas a crianças e jovens em perigo, neste caso as que se encontram em acolhimento residencial (Delgado, Pinto, Carvalho, & Martins, 2014).

Uma boa resposta social garante a estas crianças estabilidade que contribuiu para o seu bem-estar subjetivo. Representando as crianças a base de uma geração futura, é importante que lhes seja garantida a satisfação das necessidades materiais, sociais e educacionais. Estas crianças não podem assim ser ignoradas, necessitando de intervenção política e social que lhes permita a igualdade de direitos e acesso a um desenvolvimento saudável. Com este estudo, pode constatar-se que apesar de o acolhimento residencial não ser a resposta mais adequada, é ela uma resposta que permite proteger e ajudar as crianças a terem uma vida melhor e aumentar o seu bem-estar subjetivo.

Com a entrada neste regime de acolhimento, a criança tem acesso não só a bens materiais necessários, como roupa em boas condições, livros, alimentação e computadores, como também tem a garantia de uma igualitária oportunidade a nível da educação e conhecimento. Para além disso, as crianças têm supervisão de profissionais qualificados que os ajudam sempre que necessário, e lhes dão o apoio emocional que as famílias não conseguiram proporcionar.

Segundo a abordagem de Carvalho (2018), que descreve o conceito mais amplo de sustentabilidade societal, considerando que o equilíbrio psicológico é um dos seus pilares, podemos então fazer o elo de ligação com a temática do bem-estar subjetivo.

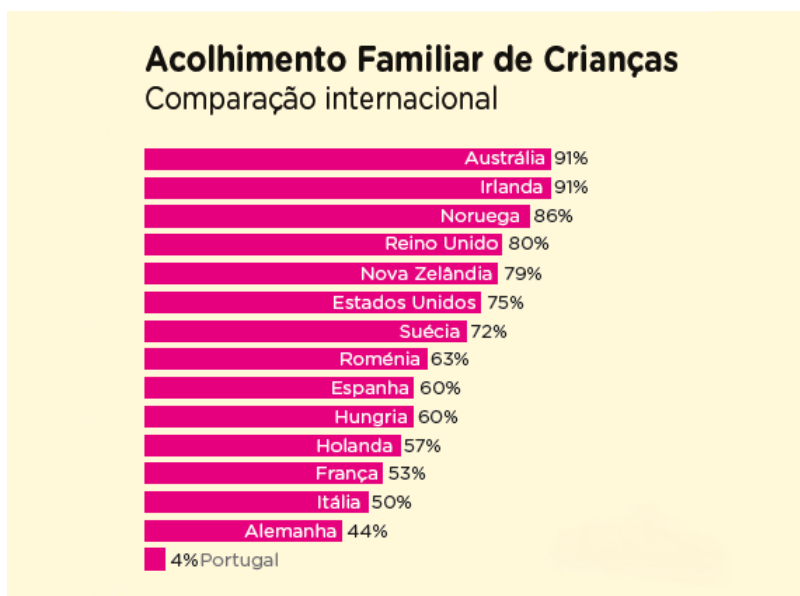
Segundo o autor, a sustentabilidade psicológica está relacionada com o bem-estar que se manifesta em comportamentos saudáveis e na satisfação e felicidade do indivíduo. A autorrealização pessoal, a aquisição de habilidades e de novos conhecimentos sugere novos comportamentos. A sustentabilidade psicológica contribui assim para um melhor estado de espírito, sendo que se torna fundamental estudar o bem-estar subjetivo das crianças e jovens para que haja uma constante

mudança de políticas sociais de forma a que também as crianças em situações de vulnerabilidade se tornem crianças mais felizes e mais realizadas.

2. Como se caracteriza o acolhimento residencial em Portugal?

Os dados sobre esta realidade já estão apresentados na revisão da literatura. Em Portugal, o acolhimento residencial representa 87,4% das medidas de promoção e proteção aplicadas. É sem sombra de dúvidas a medida com maior prevalência, o que contraria a intenção do legislador português, que define esta medida como último recurso. Enquanto que em Portugal, o acolhimento residencial representa a maior fatia das medidas de proteção aplicadas, por exemplo em Espanha, a medida predominante é o acolhimento familiar (Figura 3). Muito longe da nossa realidade, encontram-se países como a Austrália e a Irlanda, onde o acolhimento familiar representa 91% das medidas aplicadas. Isto leva-nos a refletir sobre as políticas que são aplicadas no nosso país, e na consciencialização que estas necessitam de ser mudadas.

Figura 3 – Comparação internacional



Fonte: Relatório de Gestão e Contas da “Mundos de Vida” (2016)

As crianças que chegam ao sistema de promoção e proteção foram vítimas maioritariamente de situações de negligência, maus-tratos físicos e psicológicos. O acolhimento residencial está concentrado em maior proporção nos distritos de Lisboa e

Porto, sendo que Braga surge logo a seguir. Quanto à faixa etária, a maioria dos jovens acolhidos encontra-se entre os 15-17 anos, sendo que não existe grande diferença quanto ao género.

As crianças permanecem em acolhimento residencial por períodos maiores do que seria previsto, sendo a média no nosso estudo foi de 38 meses.

3. Que vantagens e desvantagens pode a resposta social de acolhimento residencial apresentar como contributo para a sustentabilidade societal?

Todas as medidas de promoção e proteção, incluindo o acolhimento residencial, têm como principal finalidade afastar o perigo em que as crianças e jovens se encontram, assim como proporcionar as condições que permitam proteger e promover a sua segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral. É também objetivo destas medidas, a recuperação física e psicológica das crianças e jovens que foram vítimas de qualquer forma de exploração ou abuso. Assim, estas medidas de promoção e proteção contribuem para melhorar a sustentabilidade social e psicológica, que são dois pilares fundamentais da sustentabilidade societal (Carvalho, 2018).

Ao identificarmos aspetos positivos em relação à vida das crianças em acolhimento residencial poderá diminuir a sua situação de vulnerabilidade. É importante conhecer as experiências destas crianças, para sabermos de que forma, e em que dimensões de modo a ajudá-las. Podemos assim maximizar as suas oportunidades e minimizar as barreiras ao seu desenvolvimento. De certa forma, conhecer e promover o bem-estar das crianças é essencial para a sociedade em geral, inclusive para a sustentabilidade social.

Quando a criança passa pelo acolhimento residencial tem a possibilidade de adquirir um “projeto de vida”, que a prepara para a sua desinstitucionalização segura e para a sua autonomia. De acordo com o Manual de Boas Práticas do Instituto de Segurança Social elaborado por Leandro, Alvarez, Cordeiro, e Carvalho (2006), o conceito de projeto de vida representa uma estratégia de intervenção da própria residência em parceria com outros atores sociais, sendo o seu objetivo principal a sua

desinstitucionalização segura. Assim sendo, a criança pode ver garantida a sua autonomia, sendo que as residências representam um papel muito importante nesta questão, no que diz respeito à estimulação e apoio das suas competências pessoais e sociais, de modo a prepará-los para uma vida autónoma. Assim, a criança institucionalizada, pode ter as mesmas oportunidades que têm as outras crianças de poderem singrar na vida, que possivelmente não teriam se não fossem retiradas às suas famílias, muitas vezes disfuncionais e que não garantem a possibilidade de um futuro bom para elas.

As casas de acolhimento também garantem para cada criança um desenvolvimento psicossocial ajustado às necessidades de cada um.

No entanto existe uma grande desvantagem do acolhimento residencial que se traduz na falta de enquadramento numa família. Se por um lado o acolhimento residencial pode representar um fator protetor na vida destas crianças, também pode implicar riscos significativos no que diz respeito não só à perda de figuras significativas, como é o caso da sua família biológica (Delgado, 2010; Delgado, Carvalho, Pinto, & Martins, 2016). A família é muito importante para o desenvolvimento saudável de uma criança e nos casos em que a criança chega ao acolhimento residencial significa que os pais não souberam desempenhar as suas funções parentais. Em situações que a criança não possa regressar à família de origem, ou esse regresso apenas seja possível passado algum tempo, a melhor solução seria, como na maioria dos outros países, a criança ser entregue a uma família de acolhimento (Delgado, Carvalho, & Pinto, 2014). Neste contexto a criança teria a possibilidade de viver numa família, e ter a atenção que as instituições nem sempre conseguem dar a todas as crianças.

A constante mudança de rotinas na vida destas crianças, assim como de cuidadores e de colegas de casa, pode ser um motivo de angústia para elas. Isto acontece muito frequentemente, ora porque a criança muda de instituição, ora porque os técnicos e auxiliares estão em constante alteração, ora porque entram e saem outras crianças porque voltam às suas famílias de origem ou mudam também elas de instituição. Com isto quero dizer, que todas estas alterações de que falei, impedem que

a criança estabeleça relações efetivas com as outras pessoas que as rodeiam (Carvalho, Haack, Razera, & Falcke, 2016).

Lamentavelmente, também existe a desvantagem de a criança sofrer uma maior frequência de abusos na própria resposta social, tendo estas uma posição de menor defesa quanto às agressões da própria instituição (Mazzone, Nocentini, & Menesini, 2018).

Quando questionadas com a questão “Prefeririam uma solução distinta a viver na casa de acolhimento”, cerca de 62,1% respondeu que não. Na maioria dessas situações as crianças afirmam que viver nas suas próprias casas é pior que morar ali, o que demonstra que se sentem melhor, e mais seguros na instituição. Isto justifica-se pelo historial de negligência e maus-tratos que estas sofreram no seu passado.

As crianças que responderam que preferiam uma solução distinta, são crianças que maioritariamente gostariam de viver com algum familiar, e num caso ou outro mencionam que gostariam de estar em acolhimento familiar ou serem adotadas.

4. Qual o nível de bem-estar subjetivo de crianças em acolhimento residencial no norte de Portugal?

A tabela 7 apresenta o tempo de institucionalização, em número de meses (Média = 38,03; DP = 36,436), assim como o número de vezes que foram acolhidos noutras respostas antes da instituição atual (Média = 0,73; DP = 0,952) e o número de fugas da instituição (Média = 1,18; DP = 4,678). 45,5% das crianças acolhidas permanece em acolhimento há mais de 2 anos, sendo que a maioria se encontra institucionalizada pela primeira vez. 26,9% das crianças já tiveram em algum tipo de acolhimento uma vez, enquanto 15,9% já estiveram em dois antes da situação atual. Ao contrário do que seria de esperar, estas crianças permanecem demasiado tempo nas instituições. Em acolhimento residencial há mais de 2 anos estão 45,5% das crianças e jovens, sendo que seria de esperar que esta medida fosse de duração mais curta e que estas crianças voltassem às suas famílias ou fossem para outro tipo de medida, como o acolhimento familiar ou adoção.

Tabela 7 – Tempo de acolhimento, número de mudanças e número de fugas

		N	%
TEMPO DE ACOLHIMENTO	Menos de 6 meses	17	11,7
	Entre 7 e 12 meses	38	26,2
	Entre 13 e 24 meses	23	15,8
	Mais de 25 meses	66	45,5
	S/R	1	0,7
Nº DE ACOLHIMENTOS ANTES DA CASA ATUAL	0	77	53,1
	1	39	26,9
	2	23	15,9
	3	4	2,8
	4	1	0,7
NÚMERO DE FUGAS	5	1	0,7
	0	112	77,2
	Entre 1 e 4	25	17,3
	Entre 5 e 10	5	3,4
	Mais de 10	3	2,1

Das crianças que participaram neste estudo, 43,4% não estavam nem muito nem pouco satisfeitos por viver na sua casa de acolhimento, sendo que 16,6% estavam nada contentes, e 20% muito contentes (Tabela 8).

Tabela 8 – Nível de satisfação com o acolhimento residencial

Estás contente por viver na Casa de Acolhimento?		
	N	%
Nada Contente	24	16,6
Muito pouco contente	12	8,3
Nem pouco nem muito	63	43,4
Bastante contente	16	11,0
Muito contente	29	20,0
Total	144	99,3
Omisso	1	,7
Total	145	100,0

Quando confrontados com a sua opinião acerca da sua casa de acolhimento e com as relações interpessoais que têm com o pessoal envolvido, numa escala de “0” a “10”, a média dos cinco itens da tabela 8, é de 7,66. Isto significa que as crianças apresentam

um bom nível de satisfação com o acolhimento residencial. Considerando os itens descritos como uma escala de livre domínio, com um alfa de Cronbach de 0,81 (Tabela 9). As crianças acolhidas pontuam positivamente o diretor da casa de acolhimento, os seus companheiros e os educadores, o que demonstra que estes atores contribuem para o seu bem-estar subjetivo, e que as residências conseguem dar a resposta pretendida a estas crianças e jovens em perigo.

Tabela 9 – Satisfação com casa de acolhimento

	Média (DP)
A casa de acolhimento onde moras	7,17 (2,93)
Companheiros da casa de acolhimento	7,65 (2,58)
Os educadores da casa de acolhimento	7,44 (2,63)
Vida familiar com acolhedores	7,90 (2,81)
Diretor da casa de Acolhimento	8,15 (3,11)
Total	7,66 (2,12)

A escala SLSS descreve satisfação da criança com a sua vida, sendo a escala com médias mais baixas (Tabela 10). As crianças em acolhimento residencial consideram, em média, que a sua vida não é melhor que a dos outros rapazes ou raparigas, no entanto pontuam de forma mais positiva os outros itens, o que significa que esta resposta social apesar de não lhes conseguir proporcionar um elevado bem-estar nestes itens, acaba por ser uma atenuante nas suas vidas, sendo estes resultados, provavelmente, devidos a eventos stressantes que vivenciaram no seu passado, o que não lhes permite serem mais otimistas com o seu futuro, e não ao facto da resposta social ser boa ou má. Isto corrobora um estudo já realizado por Schütz, Sarriera, Bedin, e Montserrat (2015) que afirma que o bem-estar subjetivo de crianças em acolhimento tende a ser menor devido a experiências de pré-institucionalização.

Tabela 10 – Médias e desvios-padrão do SLSS

SLSS	Média (DP)
A minha vida corre bem	6,72 (3,07)
A minha vida é exatamente como deveria ser	5,37 (3,48)
Eu tenho uma boa vida	6,14 (3,27)
Eu tenho o que quero na vida	5,19 (3,57)
A minha vida é melhor que a dos outros rapazes ou raparigas	4,51 (3,68)
Total	5,58 (2,81)

Já na escala do PWI-SC9 (Tabela 11), as crianças apresentam um bem-estar bastante positivo, pontuando a saúde, os bens a que têm acesso, as coisas que sabem fazer bem e o relacionamento interpessoal acima dos 8 pontos.

Tabela 11 – Médias e desvios-padrão do PWI-SC9

PWI-SC 9	Média (DP)
As coisas que tens	8,00 (2,46)
Saúde	8,62 (2,33)
Segurança	7,99 (2,65)
Coisas que sabes que fazes bem	8,25 (2,37)
Relacionamento com as pessoas	8,21 (2,26)
Fazer coisas fora da Casa de Acolhimento	7,83 (2,77)
O que pode vir a acontecer mais tarde na tua vida	7,41 (2,91)
Como utilizas o teu tempo	7,36 (2,76)
A tua vida como aluno	7,03 (2,84)
Total	7,84 (1,77)

Quanto à escala do OLS de item único (Tabela 12), quando confrontados na forma como avaliam a sua vida como um todo, a média é de 7,33. Sendo esta média positiva, é uma média baixa, em relação a outros estudos realizados com crianças acolhidas em Espanha (e.g., Schütz et al., 2015).

Tabela 12 – Média e desvio-padrão do OLS

OLS	Média (DP)
A tua vida como um todo?	7,33 (2,85)

Na escala BMSLSS (Tabela 13), a breve escala de Satisfação com a Vida dos Estudantes, obtivemos uma média razoável (7,58), sendo que a maior média vai para a satisfação com os amigos e a menor para a experiência escolar. Estes resultados contrariam os resultados de outros estudos feitos com crianças que vivem com as suas famílias (e.g., Strózik et al., 2015), onde as crianças avaliam mais favoravelmente a vida familiar e a sua vizinhança, e menos o seu corpo e os seus amigos.

Tabela 13 – Médias e desvios-padrão do BMSLSS

BMSLSS	Média (DP)
A tua vida familiar com os acolhedores?	7,90 (2,81)
Os teus amigos	8,21 (2,46)
A tua experiência escolar?	6,84 (2,81)
O teu corpo?	7,92 (2,86)
A zona onde moras/ a tua vizinhança?	7,38 (3,31)
Total	7,58 (1,93)

A escala GDSI (Tabela 14), sendo uma escala que permite medir a satisfação com a vida em diferentes domínios com maior confiabilidade no estudo, obtivemos uma média de 7,47. Esta escala apresenta 8 domínios: Casa de acolhimento, coisas que as crianças têm, amigos e outras pessoas, zona onde mora, saúde, gestão de tempo, escola e pessoal. O domínio melhor pontuado é a saúde, seguido das coisas que a criança tem, e o menos pontuado é a zona onde mora e a escola. Estes resultados contrariam o estudo realizado por Schütz et al. (2015), onde as crianças em acolhimento residencial pontuam menos a casa de acolhimento e mais a escola, o que, de algum modo, aponta para a pouca atratividade das nossas escolas.

Tabela 14 – Médias e desvios-padrão GDSI

GDSI	Média(DP)
A tua casa de acolhimento	
A Casa de Acolhimento onde moras?	7,17 (2,93)
Os educadores da Casa de Acolhimento?	7,65 (2,58)
Com os teus companheiros(as) na Casa de Acolhimento?	7,44 (2,63)
Com a tua vida familiar com os acolhedores?	7,90 (2,81)
O diretor da casa de Acolhimento	8,15 (3,11)
Total	7,66 (2,12)
As coisas que tens	
Quão Satisfeito(a) estás com as coisas que tens?	8,00 (2,46)
Total	8,00 (2,46)
Os teus amigos e outras pessoas	
Os teus amigos	8,21 (2,46)
As pessoas que moram na zona onde moras/os teus vizinhos?	6,60 (3,43)
O teu relacionamento com as pessoas	8,21 (2,26)
Total	7,68 (2,06)
Zona onde moras	
Policia da zona onde moras?	6,26 (3,86)
Os espaços ao ar livre que as crianças podem usar na zona onde moras/ na tua vizinhança?	7,20 (3,37)
A zona onde moras/ a tua vizinhança?	7,38 (3,31)
Total	6,95 (3,12)
Saúde	
Como és tratado(a) quando vais ao médico?	8,61 (2,51)
Total	8,61 (2,51)
Gestão do teu tempo	
Como utilizas o teu tempo?	7,36 (2,76)
O que fazes nos tempos livres?	7,90 (2,82)
Total	7,59 (2,63)
Escola	
Outras crianças da tua turma?	7,56 (3,13)
As tuas notas na escola?	6,45 (3,11)
A tua experiência escolar?	6,84 (2,81)
A tua vida como aluno(a)?	7,03 (2,84)
Total	6,97 (2,36)
Pessoal	
A liberdade que tens?	5,94 (3,53)
As oportunidades que tens?	7,20 (3,02)
A tua aparência?	8,01 (2,59)
O teu corpo?	7,92 (2,86)
A tua autoconfiança?	7,48 (3,12)
Como és ouvido pelos adultos?	7,41 (3,03)
Com as coisas nas quais sabes que fazes bem?	8,25 (2,37)
Com o fazer coisas fora da Casa de Acolhimento?	7,83 (2,77)
Com o que pode vir a acontecer mais tarde na tua vida?	7,41 (2,91)
Total	7,51 (2,02)
Total Geral	7,47 (1,81)

Na escala de Russell, que avalia os afetos positivos, podemos verificar que as crianças em acolhimento residencial se sentem maioritariamente cheios de energia, e menos relaxados. Como anteriormente foi referido, trata-se de uma escala reduzida, onde apenas se avaliam os afetos positivos de modo a que não hajam itens relacionados ao afeto negativo. Assim sendo não existem estudos para uma comparação de resultados. No entanto no estudo de Poletto e Koller (2011), verificou-se que as crianças em acolhimento residencial apresentavam mais afetos negativos que a população em geral, mas em termos de afetos positivos não existe grande diferença entre os dois grupos.

Tabela 15 – Médias e desvios-padrão do Russell's core affect

Russell's Core Affect	Média(DP)
Satisfeito(a)	7,06 (2,74)
Feliz	7,01 (2,99)
Relaxado(a)	6,65 (3,01)
Ativo(a)	7,41 (2,89)
Calmo(a)	6,77 (3,24)
Cheio(a) de energia	7,52 (2,96)
Total	7,07 (2,31)

5. Qual o impacto relativo das dimensões do bem-estar subjetivo no bem-estar das crianças?

As crianças foram questionadas com o facto de terem ou não terem acesso a alguns bens materiais, como roupa em boas condições, acesso a um computador e internet, telemóvel, quarto próprio, televisão e livros para ler por diversão. Concluímos que as crianças estão satisfeitas relativamente a todos os bens mencionados, sendo que grande parte não tem o seu próprio quarto, uma vez que partilha com algum colega de casa. Numa escala de 0 a 10, onde "0" significa "nada satisfeito(a)" e "10", significa "totalmente satisfeito", a média encontrada é de 8. Concluímos assim que estas instituições têm condições necessárias e põe à disposição bens que estas crianças anteriormente não tinham acesso. Schütz et al., (2015) enfatizam a importância do

acesso a bens-materiais como roupas em boas condições, computador, internet para a melhoria do bem-estar das crianças em acolhimento, a que anteriormente não tinham acesso.

Quanto à escolaridade, a maioria das crianças frequentavam o 8º ano (27,6%), sendo que uma grande percentagem já reprovou uma ou mais vezes. Partindo do pressuposto que uma criança com 11 anos frequenta o 5º ou o 6º ano (depende se nasceu antes ou depois de setembro, podendo ter entrado para a escola com 5 ou 6 anos); com 12 anos frequenta o 6º ou o 7º ano; com 13 frequenta o 7º ou o 8º ano; com 14 frequenta o 8º ou o 9º ano e que as crianças com 15 anos frequentam o 9º ou o 10º ano, então apenas 79 das 145 crianças nunca reprovaram (Tabela 16). Significa que 46% destas crianças já reprovaram uma ou mais vezes.

Tabela 16 – Escolaridade

Ano de Escolaridade	Idade					Total
	11	12	13	14	15	
4º	4	2	0	0	0	6
5º	4	5	2	1	0	12
6º	4	11	14	4	0	33
7º	0	4	6	15	5	30
8º	0	0	8	18	14	40
9º	0	0	0	4	16	20
10º	0	0	0	0	4	4
Total	12	22	30	42	39	145

Estes resultados vão ao encontro de resultados obtidos por outros estudos (e.g., Montserrat, Casas, & Bertrán, 2013; Montserrat, Casas, & Malo, 2012), que explicam que tais resultados acontecem pelos atrasos que ocorrem durante os processos de tutela, pela mudança constante de educadores, assim como pela perda de amigos no processo de mudança aos quais estão sujeitos. A mudança de educadores é um aspeto negativo, uma vez que as crianças partilham com eles os seus problemas, incluindo os escolares. Estes autores também realçam as mudanças de residência como uma desvantagem para estas crianças a nível escolar, pois muitas vezes os professores não têm tempo de conhecer o aluno, avaliá-lo e dar-lhe algum suporte extra. Muitas vezes

as crianças são aconselhadas a arranjar um trabalho cedo, o que não prioriza a escola, e o valor da escolarização não é transmitido. O facto de estas crianças não conseguirem concluir com sucesso a sua vida académica leva-os mais uma vez à exclusão social, a efeitos negativos em relação à sua satisfação com o futuro.

Uma das questões colocadas era: “Quais os aspetos que gostarias que fossem valorizados em ti em adulto?”. Foi interessante perceber que as crianças valorizam mais aspetos como a bondade e a sua personalidade, e menos questões como o dinheiro e o poder (Tabela 17).

Tabela 17– Aspetos que gostavam de ser valorizados em adultos

	Média(DP)
A tua simpatia	8,65 (2,19)
O teu relacionamento com outras pessoas	8,74 (2,12)
O teu dinheiro	6,19 (3,42)
O teu poder	6,15 (3,57)
A tua família	8,44 (2,65)
A tua personalidade	8,71 (2,11)
A tua bondade	8,88 (1,83)
A tua imagem	8,10 (2,76)

Nesta etapa, procedeu-se à análise das correlações entre as escalas em estudo, recorrendo-se, para o efeito, ao cálculo dos coeficientes de correlação de Pearson. Os resultados da análise de correlações encontram-se na Tabela 18.

Tabela 18 – Correlação de Pearson entre escalas

		BMSLSS	PWI-SC9	OLS	RUSSEL	GDSI
SLSS	r	,481**	,475**	,466**	,706**	,517**
	N	145	145	142	145	145
BMSLSS	r		,747**	,626**	,555**	,889**
	N		145	142	145	145
PWI-SC9	r			,688**	,590**	,924**
	N			142	145	145
OLS	r				,492**	,690**
	N				142	142
RUSSEL	r					,629**
	N					145

** A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

Como seria de esperar, observaram-se correlações positivas significativas entre todas as escalas, sendo que entre as escalas PWI-SC9 e GDSI é que existe a correlação positiva mais forte ($r = 0,924$). Assume também uma forte relação a escala GDSI com a BMSLSS ($r = 0,889$), e a BMSLSS com a PWI-SC9 ($r = 0,747$). Todas as outras se relacionam positivamente, mas com um menor coeficiente. Assim, estas correlações positivas entre as diversas escalas apontam para a convergência das mesmas à volta da mesma temática, a do bem-estar subjetivo das crianças.

Foram realizadas análises estatísticas para verificar possíveis diferenças entre as médias de bem-estar subjetivo das crianças, de acordo com o sexo, idade, tempo de acolhimento e mudanças o número de mudanças de acolhimento. Utilizaram-se testes *t* para analisar a diferença de médias entre os valores obtidos em todas as escalas e o sexo. Verificou-se que há diferenças estatisticamente significativas (Tabela 19) em todas as escalas, sendo as crianças do sexo masculino as que apresentam médias maiores. Relativamente à idade, as crianças mais velhas tendem a ter um bem-estar menor que as mais novas, no entanto apenas existe diferença significativa na escala de afetos de Russel.

Tabela 19 – Correlação de Pearson entre escalas e categorias

Variáveis	Categorias	n	BMSLL M (DP)	SLSS M (DP)	PWI-SC9 M (DP)	OLS M (DP)	Russel M (DP)	GDSI M (DP)
Sexo	Masculino	60	8,02 (1,54)*	6,73 (2,85)***	8,25 (1,55)*	8,14 (2,46)**	7,99 (2,13)***	7,95 (1,60)**
	Feminino	85	7,27 (2,13)	4,78 (2,50)	7,55 (1,86)	6,77 (2,97)	6,43 (2,22)	7,14 (1,87)
Idade	Dos 11 aos 13	64	7,86 (1,82)	5,62 (2,75)	8,04 (1,57)	7,45 (2,84)	7,45 (2,05)*	7,75 (1,67)
	Dos 14 aos 15	81	7,36 (2,01)	5,56 (2,88)	7,68 (1,91)	7,23 (2,86)	6,78 (2,47)	7,26 (1,88)
Tempo de acolhimento	Até 6 meses	23	7,52 (1,71)	4,06 (3,00)*	7,76 (1,73)	6,70 (3,14)	6,55 (2,36)	7,38 (1,72)
	De 7 a 12 meses	32	7,47 (1,86)	5,84 (2,85)	8,18 (1,64)	6,78 (3,51)	7,09 (2,32)	7,51 (1,78)
	De 13 a 24 meses	23	7,36 (2,67)	5,47 (2,56)	7,30 (2,46)	7,43 (2,62)	6,45 (2,77)	7,03 (2,47)
	De 25 a 36	12	7,63 (1,87)	5,43 (2,69)	7,51 (1,91)	7,50 (2,57)	7,22 (2,35)	7,52 (1,91)
	Mais de 3 anos	54	7,77 (1,77)	6,17 (2,71)	8,03 (1,41)	7,85 (2,42)	7,52 (2,06)	7,65 (1,49)
Nº acolhimentos antes da casa atual	0	77	7,84 (2,02)	5,63 (2,79)	7,68 (1,93)	7,23 (2,81)	7,12 (2,25)*	7,28 (1,90)
	1	39	7,66 (2,01)	5,88 (2,85)	8,08 (1,57)	7,48 (2,92)	7,75 (2,19)**	7,71 (1,72)
	2 ou mais	29	7,73 (1,63)	5,08 (2,84)	7,91 (1,77)	7,39 (2,95)	6,04 (2,35)	7,67 (1,66)

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Foi realizada uma ANOVA com a SLSS, que permitiu mostrar que há diferenças estatisticamente significativas em relação ao tempo de acolhimento [$F(4, 139) = 2,444$; $p < 0,05$]. No entanto, nos testes de comparação posterior aos pares, verificou-se que essa diferença só acontece, com significado estatístico ($p < 0,05$), entre “até 6 meses” e “mais de 3 anos” no tempo de acolhimento.

A ANOVA realizada em relação ao número de acolhimentos anteriores, mostra que há diferenças estatisticamente significativas [$F(2, 142) = 4,841$; $p < 0,01$] na escala Russel. No entanto, os testes posteriores aos pares mostram que essa diferença acontece entre “1” e “2” no número de acolhimentos ($p < 0,01$), e de modo unilateral ($p < 0,05$) entre o “0” e o “1”.

Existem vários estudos que comparam o bem-estar subjetivo em relação ao género. No entanto não há consenso entre os estudos já existentes. Huebner, Suldo, Valois, e Drane (2006) não encontraram diferenças significativas em relação ao género, no entanto outros estudos comprovam a existência dessas diferenças (e.g., Bradshaw, Keung, Rees, & Goswami, 2011; Llosada-Gistau, Casas, & Montserrat, 2017). A literatura aponta para o facto de os meninos terem maior capacidade de lidar com mudanças na sua vida e com fatores de stresses causados por elas.

Relativamente à idade, os nossos resultados vão ao encontro da literatura já existente. Num estudo realizado por Casas (2017), este concluiu que as crianças mais novas são mais felizes e otimistas, e tende a diminuir com o aumento da idade.

As crianças em acolhimento residencial são normalmente sujeitas a uma grande quantidade de mudanças em curtos períodos de tempo, o que pode influenciar a avaliação da sua vida, e a diferenças a nível do seu bem-estar (Schütz et al., 2015).

CONCLUSÃO

O grande objetivo deste estudo é caracterizar o acolhimento residencial em Portugal, mais concretamente no norte do país, assim como avaliar o bem-estar subjetivo destas crianças e saber qual o contributo para a sustentabilidade societal.

A sustentabilidade societal, no contexto em estudo, relaciona-se com o facto de esta medida ser ou não bem-sucedida e contribuir para a garantia de cuidados de saúde, educação e desenvolvimento psicossocial das crianças acolhidas. Um dos aspetos complementares da sustentabilidade societal é o equilíbrio psicológico que está diretamente relacionado com o bem-estar e felicidade do indivíduo. Sendo estas crianças futuros adultos, torna-se indispensável estudar o seu bem-estar, assim como alertar para alterar políticas sociais, que são inteiramente responsabilidade do Estado. Assim, a retirada das crianças dos seus pais biológicos, quando carecidos de meios para as sustentar ou educar, ou porque há situações de negligência ou abuso, pode também representar um contributo para a sustentabilidade social, assim como também o será a intervenção social realizada pelos técnicos junto das famílias, que poderão assim retomar a educação dos seus filhos, promovendo-se uma maior inclusão social de todos os atores.

Em Portugal, o acolhimento residencial é a medida predominante (87,4%), ao contrário do acolhimento familiar, que representa apenas 4% das medidas aplicadas, afastando-se assim de outros países onde o acolhimento residencial é muito mais baixo. É uma medida de longa duração ao contrário do que seria de esperar, o que leva a uma relação positiva com a idade, sendo os jovens entre os 15-17 anos os mais numerosos nas instituições residenciais, nomeadamente nas regiões de Lisboa e Porto.

As crianças necessitam de uma família para o seu bom desenvolvimento psicossocial, e seria esperado que todas as crianças tivessem esse direito. No entanto quando estas são negligenciadas ou maltratadas por parte dos pais, é necessário intervir, e em alguns casos, retirar essas crianças do contexto a que estavam expostas. No acolhimento residencial, apesar de não existir o normal contexto familiar, é o espaço onde elas encontram as condições necessárias para a realização das suas necessidades básicas.

As crianças apresentam um bom nível de bem-estar subjetivo em todas as escalas utilizadas (PWI-SC9; OLS; GDSI; BMSLSS e Russell's Core Affect). No entanto, no que diz respeito à medição das expectativas das crianças para o seu futuro, medida pela SLSS, esta apresenta uma média (5,58) inferior às outras escalas, e ligeiramente acima do ponto médio da escala (5). Isto pode ser explicado pela diferença de oportunidades que as crianças em acolhimento residencial têm em relação às crianças que vivem com as suas famílias, o que faz com que a sua perspetiva de futuro seja baixa. No entanto nas outras escalas as médias são boas, o que significa que as residências representam bem o seu papel na sociedade.

As dimensões com maior impacto positivo no bem-estar subjetivo destas crianças, segundo o presente estudo são: os bens-materiais a que têm acesso na casa de acolhimento, os amigos e o relacionamento com as pessoas, a saúde e as coisas que sabem que fazem bem. A nível de impacto negativo no seu bem-estar, apresentam-se dimensões como: A minha vida é melhor que a dos outros rapazes ou raparigas, a minha vida é exatamente como deveria ser, a vida como aluno, a vizinhança e a liberdade que têm.

Limitações do estudo

Ao longo da recolha de dados puderam constatar-se vários problemas, desde logo o próprio contacto com as instituições. Algumas delas recusaram-se a colaborar com este projeto de investigação, sendo que uma grande parte nunca respondeu, após diversas tentativas de contacto com as mesmas.

Outro grande problema, foi o facto de existirem em curso, mais investigações tendo como alvo a mesma faixa etária, o que é demasiado excessivo para estas crianças, levando algumas das instituições a não colaborar, e aquelas que mesmo assim colaboraram, nota-se uma falta de interesse nas crianças em repetir relatos desta natureza.

Destaco também que as crianças, estando em condições anómalas, mostram muitas delas uma atitude “reticente”, sentindo apesar de eu salientar a anonimidade

das suas respostas, uma atitude de desconfiança e medo de que as suas respostas fossem utilizadas contra si.

A maioria destas crianças tem dificuldades cognitivas o que não facilitou a recolha de dados, pois muitas vezes era impossível fazer entender à criança certos aspetos do questionário.

Consideramos, também, que existem limitações pela utilização de escalas que, no nosso entender, poderão não estar suficientemente aperfeiçoadas, mas que são utilizadas comumente a nível internacional. Por último, a utilização de um único questionário autoadministrado poderá colocar questões de variância de método comum.

Novas pistas de investigação

Como pistas de investigação futura, propomos a repetição do estudo noutras áreas geográficas, com faixas etárias mais alargadas, noutros contextos, como o acolhimento familiar, população em geral e famílias monoparentais ou com progenitores com orientação sexual alternativa.

Dentro do contexto do acolhimento residencial também pode ser estudada a influência do contacto com a família de origem, assim como procurar saber se o facto de algumas crianças não serem de origem portuguesa terá algum impacto no seu bem-estar subjetivo.

REFERÊNCIAS

- Arteaga, A., & Del Valle, J. (2003). Las redes de apoyo social de los adolescentes acogidos en residencias de protección. Un análisis comparativo con población normativa. *Psicothema*, 15(1), 136-142.
- Ben-Arieh, A. (2006). Measuring and monitoring the well-being of young children around the world. Paper commissioned for the *EFA Global Monitoring Report 2007, Strong foundations: Early childhood care and education*.
- Ben-Arieh, A. (2005). Where are the Children? Children's Role in Measuring and Monitoring Their Well-Being. *Social Indicators Research*, 74, 573-596. doi:10.1007/s11205-004-4645-6
- Ben-Arieh, A., & Frønes, I. (2011). Taxonomy for child well-being indicators: A framework for analysis of the well-being of children. *Childhood*, 18(4), 460-476. doi:10.1177/0907568211398159
- Bertão, A., Delgado, P., Carvalho, J., & Pinto, V. (2015). O contacto no acolhimento familiar de crianças e jovens: Uma avaliação atual. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 6(1), 193-209.
- Bossel, H. (1999). *Indicators for Sustainable Development: Theory, Method, Applications: A Report to the Balaton Group*. Winnipeg, Manitoba, Canadá: International Institute for Sustainable Development.
- Bradshaw, J., Keung, A., Rees, G., & Goswami, H. (2011). Children's subjective well-being: International comparative perspectives. *Children and Youth Services Review*, 33(4), 548-556. doi: 10.1016/j.childyouth.2010.05.010
- Campbell, A., Converse, P., & Rodgers, W. (1976). *The quality of American Life: Perceptions, Evaluations and Satisfactions*. New York: Russell Sage Foundation.
- Carbone, J. A., Sawyer, M. G., Searle, A. K., & Robinson, P. J. (2007). The health-related quality of life of children and adolescents in home-based foster care. *Quality of Life Research*, 16(7), 1157-1166. doi:10.1007/s11136-007-9227-z
- Carvalho, J. M. S. (2018). Social Innovation, Entrepreneurship, and Sustainability. In L. Carvalho (Ed.), *Handbook of Research on Entrepreneurial Ecosystems and Social Dynamics in a Globalized World* (pp. 147-180). Estados Unidos: IGI Global. doi:10.4018/978-1-5225-3525-6
- Carvalho, J. M. S., & Jonker, J. (2015). Creating a Balanced Value Proposition: Exploring the Advanced Business Creation Model. *The Journal of Applied Management and Entrepreneurship*, 20(2), 49-64. doi:10.9774/GLEAF.3709.2015.ap.00006
- Carvalho, T., & Manita, C. (2010). Percepções de crianças e adolescentes institucionalizados sobre o processo de institucionalização e a experiência na instituição. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 3326-3335.

- Carvalho, C. F., Haack, K. R., Razera, J., & Falcke, D. (2016). Qual a percepção de crianças e adolescentes em acolhimento institucional acerca do seu cuidado subjetivo? *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 7(1), 333-344.
- Casas, F. (2017). Analysing the Comparability of 3 Multi-Item Subjective Well-Being Psychometric Scales Among 15 Countries Using Samples of 10 and 12-Year-Olds. *Child Indicators Research*, 10(2), 297-330. doi:10.1007/s12187-015-9360-0
- Casas, F. (2011). Subjective Social Indicators and Child and Adolescent Well-being. *Child Indicators Research*, 4(4), 555-575. doi:10.1007/s12187-010-9093-z
- Casas, F., & Bello, A. (2012). *Calidad de vida y bienestar infantil subjetivo en España: Qué afecta al bienestar de niños y niñas españoles de 1º de ESO*. Madrid: UNICEF España.
- Casas, F., Coenders, G., González, M., Malo, S., Bertran, I., & Figuer, C. (2011). Testing the Relationship Between Parents' and Their Children's Subjective Well-Being. *Journal of Happiness Studies*, 13(6), 1031-1051. doi:10.1007/s10902-011-9305-3
- Casas, F., Sarriera, J., Alfaro, J., González, M., Malo, S., Bertran, I.,..., & Valdenegro, B. (2012). Testing the personal wellbeing index on 12–16 year-old adolescents in 3 different countries with 2 new items. *Social Indicators Research*, 105(3), 461-482. doi:10.1007/s11205-011-9781-1
- Cummins, R., & Lau, A. (2005). *Personal Wellbeing Index-School Children (PWI-SC) Manual (3º ed.)*. School of Psychology Deakin University.
- Cummins, R., Eckersley, R. P., & Vugt, J. M. (2003). Developing a National Index of Subjective Wellbeing: The Australian Unity Wellbeing Index. *Social Indicators Research*, 64(2), 159-190. doi:10.1023/A:1024704320683
- Delgado, P., Carvalho, J. M. S., Pinto, V., & Martins, T. (2016). Decisão, risco e incerteza: Retirada ou reunificação de crianças e jovens em perigo? *Pedagogia Social. Revista Interuniversitaria*, 28, 217--228. doi:10. sE7179/PsRI_2016.28.16
- Delgado, P., Pinto, V., Carvalho, J. M. S., & Martins, T. (2014). A Permanência no Acolhimento Familiar. Uma resposta para as crianças e jovens em perigo, um desafio para a sustentabilidade social. In P. Delgado, S. Barros, C. Serrão, S. Veiga, T. Martins, A. J. Guedes, F. Diogo & M. J. Araújo (Eds.), *Pedagogia/Educação Social - Teorias & Práticas. Espaços de investigação, formação e ação* (pp. 278-282). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.
- Delgado, P., Carvalho, J. M. S., & Pinto, V. (2014). Crescer em família: A permanência no acolhimento familiar. *Pedagogia Social. Revista Interuniversitaria*, 23, 123-150. doi:10.7179/PSRI_2014.23.06
- Delgado, P. (2010). A experiência da vinculação e o acolhimento familiar: reflexões, mitos e desafios. *Termas em Psicologia*, 18(2), 247-467.

- Dell'Aglio, D., & Siqueira, A. (2010). Preditores de Satisfação de Vida de Jovens em Situação de Vulnerabilidade no sul do Brasil. *Psicodebate. Psicología, Cultura y Sociedad*, *10*, 213-230. doi:10.18682/pd.v10i0.397
- Diener, E., Emmons, R., Larsen, R., & Griffin, S. (1985). *The Satisfaction With Life Scale*. *Journal of Personality Assessment*, *49*(1), 71-75. doi:10.1207/s15327752jpa4901_13
- Dinisman, T., & Ben-Arieh, A. (2016). The Characteristics of Children's Subjective Well-Being. *Social Indicators Research*, *126*(2), 555-569. doi:10.1007/s11205-015-0921-x
- Dinisman, T., Montserrat, C., & Casas, F. (2012). The subjective well-being of Spanish adolescents: Variations according to different living arrangements. *Children and Youth Services Review*, *34*(12), 2374-2380. doi:10.1016/j.childyouth.2012.09.005
- EAPN/EUROCHILD. (2013). *Para o bem-estar das crianças na Europa. Pobreza Infantil na UE. Explicativo EAPN #4*. Disponível em: <https://www.eapn.pt/publicacao/196/para-o-bem-estar-das-criancas-na-europa-pobreza-infantil-na-ue-explicativo-eapn-4>
- Fernández-Daza, M. P., & Fernández-Parra, A. (2013). Problemas de comportamiento y competencias psicosociales en niños y adolescentes institucionalizados. *Universitas Psychologica*, *12*(3), 797-810. doi:10.11144/Javeriana.UPSY12-3.pccp
- Huebner, E. S. (1991). Initial Development of the Student's Life Satisfaction Scale. *School Psychology International*, *12*(3), 231-240. doi:10.1177/0143034391123010
- Huebner, E. S., Suldo, S. M., Valois, R. F., & Drane, J. W. (2006). The Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale: Sex, Race, and Grade Effects for Applications with Middle School Students. *Applied Research in Quality of Life*, *1*, 211-216. doi:10.1007/s11482-006-9016-9
- Instituto da Segurança Social. (2016). *CASA 2016 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: Instituto da Segurança Social.
- Knorth, E. J., Harder, A. T., Zandberg, T., & Kendrick, A. J. (2008). Under one roof: A review and selective meta-analysis on the outcomes of residential child and youth care. *Children and Youth Services Review*, *30*(2), 123-140. doi:10.1016/j.childyouth.2007.09.001
- Kosher, H., & Ben-Arieh, A. (2017). What children think about their rights and their well-being: A cross-national comparison. *American Journal of Orthopsychiatry*, *87*(3), 256-273. doi:10.1037/ort0000222
- Labuschagne, C., & Brent, A. C. (2005). Sustainable Project Life Cycle Management: the need to integrate life cycles in the manufacturing sector. *International Journal of Project Management*, *23*(2), 159-168. doi:10.1016/j.ijproman.2004.06.003

- Leandro, A., Alvarez, D., Cordeiro, M., & Carvalho, R. (2006). *Manual de Boas Práticas: Um guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens*. Lisboa: Instituto da Segurança Social, I.P.
- Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, *Diário da República n.º 204/99* – 1.ª Série, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, Lisboa.
- Lei n.º 142/2015 de 8 de setembro, *Diário da República, n.º 175* – 1.ª Série, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, Lisboa.
- Lima, R., & Morais, N. (2016). Fatores associados ao bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua. *Psico, 47*(1), 24-34. doi:10.15448/1980-8623.2016.1.20011
- Llosada-Gistau, J., Casas, F., & Montserrat, C. (2017). What Matters in for the Subjective Well-Being of Children in Care? *Child Indicators Research, 10*(3), 735-760. doi:10.1007/s12187-016-9405-z
- Llosada-Gistau, J., Montserrat, C., & Casas, F. (2015). The Subjective well-being of adolescents in residential care compared to that of general population. *Children and Youth Services Review, 52*, 150-157. doi:10.1016/j.chilyouth.2014.11.007
- Machado, J., & Fenzl, N. (2000). A sustentabilidade do desenvolvimento e a demanda material da economia: o caso do Brasil comparado ao de países industrializados. *Novos Cadernos Naea, 3*(2), 79-143. doi:10.5801/ncn.v3i2.26
- Mazzone, A., Nocentini, A., & Menesini, E. (2018) Bullying and peer violence among children and adolescents in residencial care settings: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior, 38*, 101-112. doi:10.1016/j.avb.2017.12.004
- McQuaid, R. W., & Ahmed, A. (2005). Entrepreneurship, Management, and Sustainable Development. World Review of Entrepreneurship. *Management and Sustainable Development, 1*(1), 6-30. doi:10.1504/WREMSD.2005.007750
- Montserrat, C., Casas, F., & Bertrán, I. (2013). Desigualdad de oportunidades educativas entre los adolescentes en acogimiento residencial y familiar. *Infancia y Aprendizaje, 36*(4), 443-453. doi:10.1174/021037013808200267
- Montserrat, C., Casas, F., & Malo, S. (2012). Delayed educational pathways and risk of social exclusion: The case of young people from public care in Spain. *European Journal of Social Work, 16*(1), 6-21. doi:10.1080/13691457.2012.722981
- Montserrat, C., Dinisman, T., Bălătescu, S., Grigoraș, B. A., & Casas, F. (2015). The Effect of Critical Changes and Gender on Adolescents' Subjective Well-Being: Comparisons Across 8 Countries. *Child Indicators Research, 8*(1), 111-131. doi:10.1007/s12187-014-9288-9

- Mota, C., & Matos, P. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 28(2), 245-254. doi:10.14417/ap.278
- Mundos de Vida (2016). *Relatório de Gestão e Contas de 2016*. Disponível em: <http://www.mundosdevida.pt/>
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2011). Subjective well-being in socially vulnerable children and adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 476-484. doi:10.1590/S0102-79722011000300008
- Russel, J. A. (2003). Core Affect and the Psychological Construction of Emotion. *Psychological Review*, 110(1), 145-172. doi:10.1037/0033-295X.110.1.14
- Schütz, F., Sarriera, J., Bedin, L., & Montserrat, C. (2015). Subjective well-being of children in residential care centers: Comparison between children in institutional care and children living with their families. *Psicoperspectivas*, 15(1), 19-30. doi:10.5027/psicoperspectivas-Vol14-Issue1-fulltext-517
- Seligson, J., Huebner, E. S., & Valois, R. F. (2003). Preliminary Validation of the Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale (BMSLSS). *Social Indicators Research*, 61(2), 121-145. doi:10.1023/A:1021326822957
- Strózik, D., Stózik, T., & Szwarc, K. (2016). The Subjective Well-Being of School Children. The First Finding from the Children's Worlds Study in Poland. *Child Indicators Research*, 9(1), 39-50. doi:10.1007/s12187-015-9312-8
- UNICEF. (1989). *Convenção sobre os direitos da criança*. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/sowc20anosCDC/cap4.html>

Anexo



Somos um grupo de investigadores da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto interessado em conhecer as opiniões e pontos de vista de pessoas da tua idade.

Ficariamos muito gratos se respondesses a este questionário. É **ANÓNIMO** e **CONFIDENCIAL**, por outras palavras, ninguém vai conhecer as tuas respostas, nem será comunicada a ninguém a informação que nos deres.

Não há respostas certas ou erradas, estamos apenas interessados em **conhecer as tuas escolhas, opiniões e sentimentos**.

Não tens de responder a nenhuma pergunta à qual não queiras dar resposta.

Para cada pergunta, por favor assinala a caixa com um X ou circula o número da opção que melhor corresponde à tua situação pessoal ou opinião.

Nome da Casa de Acolhimento: _____

Cidade: _____

Data:/...../



Sobre ti

1. Eu tenho _____ anos de idade.

2. Eu sou do sexo: Masculino Feminino

3. Eu vivo na cidade (vila ou aldeia):

.....

4. Eu nasci em Portugal: Sim Não

(Se a resposta é “não”, indica o país onde nasceste:)

5. Eu posso dizer que sou:

1. Negro(a)	<input type="checkbox"/>	
2. Cigano(a)	<input type="checkbox"/>	
3. Branco(a)	<input type="checkbox"/>	
4. Mulato(a)	<input type="checkbox"/>	
5. Outro(a)	<input type="checkbox"/>	Qual?
9. Não sei	<input type="checkbox"/>	

6. Atualmente estou a frequentar o _____° ano.

A relação com os teus pais

7. Tens contacto com o teu pai ou a tua mãe?	1. Sim, tenho contacto	2. Não tenho qualquer contacto	3. Não tenho (morreu, desapareceu, desconheço)
Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se não tens nenhum tipo de contacto nem com o teu pai nem com a tua mãe podes passar para a pergunta 15

8. Que tipo de contacto tens com o teu Pai?

	1. Todas as semanas	2. Todos os meses	3. De vez em quando	4. Quase nunca	5. Nunca
1. Falamos pelo telefone	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Falamos pelas redes sociais (Facebook,...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Enviamos mensagens por correio eletrónico (email)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Enviamos mensagens pelo telefone (SMS)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Encontramo-nos em visitas supervisionadas pela(o) técnica(o)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Encontramo-nos em visitas não supervisionadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Saímos juntos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Passamos juntos períodos de férias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

9. Que tipo de contacto tens com a tua Mãe?

	1. Todas as semanas	2. Todos os meses	3. De vez em quando	4. Quase nunca	5. Nunca
1. Falamos pelo telefone	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Falamos pelas redes sociais (Facebook,...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Enviamos mensagens por correio eletrónico (email)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Enviamos mensagens pelo telefone (SMS)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Encontramo-nos em visitas supervisionadas pela(o) técnica(o)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Encontramo-nos em visitas não supervisionadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Saímos juntos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Passamos juntos períodos de férias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

10. Se tens visitas dos teus pais (pai e/ou mãe), em que local ou locais decorrem?

	Local	
1. Casa de Acolhimento	<input type="checkbox"/>	
2. Casa dos teus pais	<input type="checkbox"/>	
3. Outro local	<input type="checkbox"/>	Qual? _____
4. Não tenho visitas dos meus pais	<input type="checkbox"/>	Podes passar para a pergunta 12

11. O que sentes...

	1. Indiferença ou desinteresse	2. Tristeza ou angústia	3. Revolta ou medo	4. Alegria ou satisfação
1. Durante as visitas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Após as visitas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

12. No que se refere aos contactos que tens com os teus pais, o que proporias?

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
	Só falar pelo telefone	Ter mais visitas ou saídas	Ter menos visitas ou saídas	Não ter nenhuma visitas ou saídas	Passar mais períodos de férias	Passar menos períodos de férias	Não ter períodos férias	Não manter nenhum tipo de relação	Fazer o mesmo como até agora com os dois
Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Sim	Não
13. Achas que existem dificuldades na realização das visitas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

14. Se achas que sim, então assinala, por favor, quais são para ti as principais dificuldades na realização das visitas?

As despesas que os teus pais têm para fazer as visitas	<input type="checkbox"/>	
A distância entre a Casa de Acolhimento e a casa dos teus pais	<input type="checkbox"/>	
Os teus educadores não gostarem que as visitas aconteçam	<input type="checkbox"/>	
Os teus pais não aparecerem ou não cumprirem os horários previstos	<input type="checkbox"/>	
Tu não queres que as visitas se realizem	<input type="checkbox"/>	
O local	<input type="checkbox"/>	
Os problemas de saúde dos teus pais	<input type="checkbox"/>	
Outra	<input type="checkbox"/>	Qual? _____



A tua casa de acolhimento

15. Há quanto tempo estás nesta casa de acolhimento:

_____ meses (menos de um ano), ou _____ anos.

16. Quantas vezes já foste acolhido(a), tanto em outras famílias como em casas de acolhimento de crianças e jovens, antes desta casa de acolhimento:

_____ vezes.

17. Já fugiste alguma vez dos sítios (casas ou famílias de acolhimento) em que estavas acolhido? Se não, escreve '0', se sim, quantas vezes?

_____ vezes.

18. Estás contente por viver na Casa de Acolhimento?	1. Nada contente	2. Muito pouco contente	3. Nem pouco nem muito	4. Bastante contente	5. Muito contente
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

19. Preferirias uma solução distinta a viver nesta Casa de Acolhimento?

Não	<input type="checkbox"/>	
Sim	<input type="checkbox"/>	Que solução? _____ _____

20. Até que ponto estás de acordo com cada uma destas frases?	1. Não concordo	2. Concordo um pouco	3. Concordo em parte	4. Concordo muito	5. Concordo totalmente	9. Não sei
1. Eu sinto-me seguro(a) na Casa de Acolhimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Eu tenho um lugar tranquilo para estudar na Casa de Acolhimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Os meus educadores ouvem-me e têm em conta o que eu digo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Nós temos bons momentos juntos (com os educadores)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Os meus educadores tratam-me de forma justa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

21. Quão satisfeito(a) estás com cada uma das seguintes coisas na tua vida?	0 = Nada satisfeito(a) 10 = Totalmente satisfeito(a)										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. A Casa de Acolhimento onde moras?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os educadores da Casa de Acolhimento?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Com os teus companheiros(as) na Casa de Acolhimento?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Com a tua vida familiar com os teus acolhedores?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. O Diretor da casa de Acolhimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

22. Na semana passada, com que frequência fizeste as seguintes coisas com os teus educadores?	1. Nenhuma vez	2. Uma ou duas vezes	3. A maior parte dos dias	4. Todos os dias	9. Não sei
1. Conversaram juntos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Divertiram-se juntos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Aprenderam juntos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

As coisas que tens

23. Quais das seguintes coisas tens ou não tens?

	Não	Sim	Não sei
1. Roupa em boas condições para ir à escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Acesso a um computador na Casa de Acolhimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Acesso à internet	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Telemóvel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. O teu próprio quarto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Livros para ler por diversão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Pelo menos uma televisão na Casa de Acolhimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. O teu próprio equipamento para ouvires música	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

24. Quão satisfeito(a) estás com as coisas que tens?

										10 = Totalmente satisfeito(a)
										0 = Nadasatisfeito(a)
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Os teus amigos e outras pessoas

25. Até que ponto estás de acordo com cada uma destas frases?	1. Não concordo	2. Concordo um pouco	3. Concordo em parte	4. Concordo muito	5. Concordo totalmente	9. Não sei
1. Os meus amigos são normalmente simpáticos comigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Eu tenho amigos suficientes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

26. Quão satisfeito(a) estás com cada uma das seguintes coisas na tua vida?	0 = Nada satisfeito(a) 10 = Totalmente satisfeito(a)										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Os teus amigos?											
2. As pessoas que moram na zona onde moras/ os teus vizinhos?											
3. O teu relacionamento com as pessoas?											

27. Na semana passada, com que frequência fizeste as seguintes coisas com os teus amigos, <u>fora da escola</u> ?	1. Nenhuma vez	2. Uma ou duas vezes	3. A maior parte dos dias	4. Todos os dias	9. Não sei
1. Conversaram juntos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Divertiram-se juntos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Encontraram-se para estudar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

A zona onde moras/ a tua vizinhança

28. Até que ponto estás de acordo com cada uma destas frases?	1. Não concordo	2. Concordo um pouco	3. Concordo em parte	4. Concordo muito	5. Concordo totalmente	9. Não sei
1. A Câmara Municipal da zona onde vivo pergunta às crianças e jovens as suas opiniões sobre coisas que são importantes para eles	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Na zona onde moro / na minha vizinhança há lugares suficientes para eu brincar ou me divertir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Eu sinto-me seguro(a) quando caminho na zona onde moro/ na minha vizinhança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

29. Quão satisfeito(a) estás com cada uma das seguintes coisas da zona onde vives?	0 = Nada satisfeito(a) 10 = Totalmente satisfeito(a)										
1. A polícia da zona onde moras?	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2. Como és tratado(a) quando vais ao médico?	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3. Os espaços ao ar livre que as crianças podem usar na zona onde moras/ na tua vizinhança?	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4. A zona onde moras/ a tua vizinhança?	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Escola

30. Até que ponto estás de acordo com cada uma destas frases?	1. Não concordo	2. Concordo um pouco	3. Concordo em parte	4. Concordo muito	5. Concordo totalmente	9. Não sei
1. O(s) meu(s) professor(es) ou professora(s) ouve(m)-me e têm em conta o que eu digo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Eu gosto de ir à escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Os meu(s) professor(es) ou professora(s) trata(m)-me de forma justa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Eu sinto-me seguro(a) na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

31. No último mês, com que frequência...	1. Nunca	2. Uma vez	3. Duas ou três vezes	4. Mais de três vezes	9. Não sei
1. Outras crianças da tua escola te bateram?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Outras crianças da tua turma te deixaram de parte (por exemplo, nas brincadeiras)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

32. Quão satisfeito(a) estás com cada uma das seguintes coisas da tua vida?	0 = Nada satisfeito(a) 10 = Totalmente satisfeito(a)										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Outras crianças da tua turma?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. As tuas notas na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. A tua experiência escolar?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. A tua vida como aluno(a)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. As coisas que aprendeste?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. A tua relação com o(s) teu(s) professor(es) ou professora(s)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Como usas o teu tempo

33. Com que frequência costumás fazer as seguintes atividades, quando não estás na escola?	1. Nunca ou raramente	2. Menos de uma vez por semana	3. Uma ou duas vezes por semana	4. Quase todos os dias ou todos os dias	9. Não sei
1. Atividades extracurriculares (como música, desporto, dança, línguas,...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Participas em atividades de lazer organizadas (como centros de tempos livres, escuteiros, clubes,...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Lês por diversão e não porque tens trabalhos de casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Ajudas nas tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Fazes os trabalhos de casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Vês televisão ou ouves música	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Praticas desporto ou fazes exercício em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Usas o computador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Passas o tempo sozinho(a)/contigo próprio(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Cuidas dos teus irmãos ou irmãs ou de outros membros da tua família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Sais com os(as) amigos(as)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Mais sobre ti

34. Quão satisfeito(a) estás com cada uma das seguintes coisas da tua vida?	0 = Nada satisfeito(a) 10 = Totalmente satisfeito(a)										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Como utilizas o teu tempo?											
2. A liberdade que tens?											
3. As oportunidades que tens?											
4. A tua saúde?											
5. A tua aparência?											
6. O teu corpo?											
7. O que fazes nos tempos livres?											
8. Como és ouvido pelos adultos?											
9. A tua auto-confiança?											
10. A tua vida como um todo?											

35. No último ano,	Não	Sim
... mudaste de casa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
... mudaste de zona de residência?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
... mudaste de escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Como te sentes contigo próprio(a)

36. Neste último mês, quantos dias faltaste à escola por estares doente?

1. Nunca	2. Um ou dois dias	3. Três a cinco dias	4. Seis a 10 dias	5. Mais de 10 dias	9. Não sei
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

37. Até que ponto estás de acordo com cada uma destas frases:

	1. Não concordo	2. Concordo um pouco	3. Concordo em parte	4. Concordo muito	5. Concordo totalmente	9. Não sei
1. Preocupo-me muito com as coisas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Sinto-me sozinho(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Estou otimista relativamente ao meu futuro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Tenho liberdade suficiente para sair da Casa de Acolhimento sem ir acompanhado por algum adulto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

38. Quão satisfeito(a) estás com cada uma das seguintes coisas da tua vida?

	0 = Nada satisfeito(a) 10 = Totalmente satisfeito(a)										
1. A segurança que sentes?	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2. Com as coisas nas quais sabes que fazes bem?	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3. Com o fazer coisas fora da Casa de Acolhimento?	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4. Com o que te pode acontecer mais tarde na tua vida?	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

39. Em geral, quão feliz te tens sentido nas duas últimas semanas?

	0 = Nada feliz 10 = Totalmente feliz									
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

A tua vida e o teu futuro

40. Por favor indica até que ponto concordas com cada uma das seguintes frases:

	0 = Nada de acordo 10 = Totalmente de acordo										
1. A minha vida corre bem	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2. A minha vida é exatamente como deveria ser	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3. Eu tenho uma boa vida	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4. Eu tenho o que quero na vida	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5. A minha vida é melhor que a de outros rapazes ou raparigas	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

41. Imagina que já és adulto(a): nessa idade, em quanto achas que gostarias que outras pessoas valorizassem os seguintes aspetos em ti?

	0 = Nada 10 = Muitíssimo										
1. A tua simpatia	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2. O teu relacionamento com outras pessoas	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3. O teu dinheiro	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4. O teu poder	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5. A tua família	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6. A tua personalidade	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
7. A tua bondade	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
8. A tua imagem	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

42. Abaixo está uma lista de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Lê, por favor, cada uma das palavras e indica o quanto te sentiste assim nas últimas duas semanas.

	0 = Nada 10 = Extremamente										
1. Satisfeito(a)	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2. Feliz	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3. Relaxado(a)	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4. Ativo(a)	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5. Calmo(a)	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6. Cheio(a) de energia	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

43. Por favor, indica até que ponto concordas com cada uma das seguintes frases:

	0 = Nada de acordo 10 = Totalmente de acordo										
1. Eu gosto de ser como sou	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2. Sou bom(boa) a gerir as minhas responsabilidades diárias	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3. As pessoas são normalmente simpáticas comigo	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4. Tenho poder de decisão suficiente sobre como passo o meu tempo	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5. Sinto que estou a aprender muito neste momento	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6. Sinto que sei qual o rumo da minha vida	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
7. Sinto-me sozinho(a)	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
8. Sinto-me otimista em relação ao meu futuro	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10



44. Por favor, pensa um pouco sobre o MELHOR momento de toda a tua vida - não escrevas nada, pensa apenas sobre isso.

De seguida, pensa, por um momento, sobre o PIOR momento da tua vida - não escrevas nada, pensa apenas sobre isso.

Tendo estes dois momentos em mente, por favor responde, numa escala de -5 a +5, em que ponto te encontras no MOMENTO PRESENTE, o que inclui as últimas duas semanas.

-5 =											+5 =
Sinto-me tão mal quanto me senti no PIOR momento da minha vida											Sinto-me tão bem quanto me senti no MELHOR momento da minha vida
-5	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4	+5	

MUITO OBRIGADO POR PARTICIPARES!!!